

O B I T U Á R I O

GUARACI OUTUMBRINO BARRA

1937 - 2004

MAIOR ALIADO DA VILA DOIS RIOS

Devido a complicações cardíaco, morreu, quarta-feira (21.04.04), aos 67 anos no Hospital Municipal em Angra dos Reis, Guaraci Outumbrino Barra - o 'Guará', como as vezes era chamado o aliado maior da Vila Dois Rios: foi a pessoa mais importante para o seu povo, pela cooperação e força irresistível junto a política do Município.



Era filho de pescador da Praia da Longa na Ilha Grande, que no fim do século 19 se dirigiu à baía de Angra.

Guará, mostrou-se sempre duro e resistente, ou seja, osso duro de roer, como o seu nome sugeria. Foi Agente Penitenciário, começou sua carreira nos anos 50 (chefeando a farmácia do IPCM, depois a casa de pesca da Penitenciária Cândido Mendes de 1978 a 1994), foi quando desativada pelo Estado. Esmerou, logo depois no convívio da política junto ao seu partido o PT em defesa da comunidade de Dois Rios, chegando a ocu

par dentro do partido uma vaga no Conselho de Ética, onde era o primeiro membro.

Seu último feito à Vila Dois Rios foi arranjar uma caminhonete à Comunidade junto a PMA, colocando em funcionamento controlado pela Associação de Moradores conforme se destaca até atualmente. O conjunto das questões ora enfrentado junto ao Legislativo e ao Executivo de Angra dos Reis, que só o Guará sabia articular mostra uma sociedade em conflito e constitui uma denúncia contra a falência da Vila. Co

mentando o clima de insegurança e mal-estar que a Vila atravessa, Guaraci Barra pediu dois itens no silêncio da morte: "A vida humana é sagrada. Sua obra não pode ficar alheia ao que todo dia acontece no seu povoado sofrido da Vila Dois Rios".

Foi enterrado ontem na necrópole da Ordem Terceira do Carmo, fundada pelos Carmelitanas em 1593, onde hoje é o conjunto arquitetônico que representa Angra dos Reis no cartão postal da Cidade. Cita-se o monumento da Rua Frei Inácio, 12 nos fundos da Igreja do Carmo situada na Praça Tito Brandsma que está localizada no outeiro. Nos fundos deste famoso conjunto acha-se localizada a Travessa do Carmo, formando uma vila, onde está propriamente a pequena necrópole, muito bem cuidada, por orgulho das famílias que ali depositam seus mortos. Pois é ali no único portão a um palmo da rua que está o Corpo do Guaraci.

cujo, o Cortejo saiu às 15h com mais de 200 pessoas, do Auditório Rômulo Soares de Oliceira, da Secretaria Municipal de Defesa Civil, na Rua Julio Cesar de Noronha, 271, passando: pela Colônia dos Pescadores na Praça Cotta, depois pela 116ª Zona Eleitoral, pela Capitania dos Portos, ganhando a Praça Guarda M. Greenhalg, entrando na Av.

Almirante Julio Cesar de Noronha, ganhando um pedacinho da Rua Honorio Lima, daí quebra a Arcebispo Santos e passa pela Câmara dos Vereadores, deu adeus, dali mesmo, à Prefeitura, dobrando a grande Rua do Comércio, em sentido contrário, onde todo o trânsito, e os estabelecimentos comerciais, estavam parados e as pessoas em pé nas portas e ao alto também, aguardando o grande cortejo passar, cujo, cada lugar desse que passava aumentava o número de participantes, de forma que o Centro de Angra ontem, parou após às 15h para ver o seu filho querido passar. Até que alcançou-se a subida do outeiro, largando a rua, a que vinha, estendendo pela ruazinha apertada, na parede via-se avultado o nome da rua, "Frei Inácio, 12, mais a frente a uns 10 metros a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, já estava com a necrópole preparada e lá foi retirado do carro o esquife com as 4 coroas de flores enviadas: uma pelos vereadores do PT de Angra, a outra pela Comissão de Ética e Trabalho da Câmara, uma pelo Deputado Federal Luiz Sérgio e a outra pelo Pedro dos Santos e Hoatair, como a última homenagem ao amigo que, se despede e fica guardado na memória "Saudade Eterna". Adeus Guaraci, que Deus o tenha reservado um bom lugar lá no céu.

### Expediente

ÍNDICE	PÁGINA
ORBITUÁRIO	01
UM DESCASO NA HISTÓRIA	03
ASSALTO NO CAMINHO DO CAXADAÇO	05
SABIÁ BAILARINA	06
SERPENTE	07
MUNDO LOUCO	09
UM TERMO REPUDIADO POR MUITOS	11
POEMA "CADEIA"	12
CONTANDO HISTÓRIA	13
OLHAR SANGRADO	14
CONTO DO CEMITÉRIO	15
O TEMPO PASSA DE OLHO ABERTO	30

### Editorial

Completou-se em abril 10 anos da DESATIVÇÃO do Presídio;

AO ESCREVER ESTA 11ª Edição de a Redação da Vila, quero lembrar que este periódico tem o intuito levar ao público, moradores e pessoas que tenham relacionamento com a Vila Dois Rios, tudo aquilo relacionado com a localidade. Compromisso com o resgate da história, sem desprezar o cotidiano, contruindo com o presente através do passado da nossa região, que brilha como ouro aos olhos dos interessados de fora. É devido a grande pureza, como a Praia, cachoeiras, rios, e ainda, as ruínas deixadas pela famosa Prisão; vem surgindo, cada vez mais, como um dos melhores e mais curioso lugar da Ilha Grande para se conhecer e/ou desvendar a sua história. Nos lançamentos um grande desafio e prazer me dá ao escrever um pouquinho de tudo isso; dez anos depois da desativação da Penitenciária Cândido Mendes.

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hotair, rua Paraná nº09. Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ

### UM DESCASO NA HISTÓRIA

**Casarão de quase 300 anos que fez parte do Café e das Prisões está sendo destruído aos poucos**

Quase trezentos anos é o que se calcula depois de ser construído pelos escravos, o histórico Casarão do Centro, em Vila Dois Rios, está tendo destruída as características coloniais. Telhado, paredes e chão estão sendo depredado no descaso de preservar a história da Vila, que cresceu ao redor da construção antiga, sede de uma próspera colônia penal. As destruições estarão concluídas em bem poucos anos se nada for feito.

As paredes de tijolos maciços e a estrutura de pedra deixam claro a importância do histórico Casarão, em termos modernos serviu como galpão para depósito da grande prisão da Ilha

Grande. É um trabalho típico da época dos escravos com pedras talhadas a mão enquanto que a madeira que também era talhada a mão já foi substituída por outras serradas, por presos nas oficinas da cadeia demolida na década passada, explica o Projeto Eco-Museu, elaborado para a UERJ. Para manter as características originais, os formentadores terão que contar com a ajuda de empresas especializadas em restauração, que um dia reproduzirão azulejos, fechaduras, portões e vidros.

Nas paredes que, foram cobertas por grossas camadas de argamassa e tinta, há necessidade de salvar-guardar o trabalho da época. No alto, há muitos detalhes em madeira e tudo está caindo. Segundo observa-se, no início da destruição foram efetivados problemas sérios em toda parte hidráulica, elétrica e de estrutura no telhado do galpão. Tudo está sendo desfeito e retirado aos poucos pelo próprio interessado mai-

or e voluntário.

De acordo com a vontade das pessoas que, são moradoras da Vila Dois Rios, o casarão deveria permanecer intocável preservada as mesmas características



da época da construção. Até a pintura externa teria a cor original, com as paredes cor branca e as portas e janelas azul florentino, já que quando ocorre uma reforma por aqui tem por costume modificar, também, a cor. As obras que projetadas para o Eco-Museu se realizadas estão orçadas em alguns milhões e estão sendo difícil para ser financiadas pelo Estado e pela Prefeitura, no nosso entender os mais prováveis empreendedores do programa que leva ao desenvolvimento sustentável a partir de uma reforma dessas instalações históricas. O local vai abrigar pesquisas profissionais já feitas e projetos de incentivo à cultura.

#### **A Construção abrigava senhores e escravos**

Construída em cinco pavimentos, o Casarão tem características que chamam a atenção. O acesso principal é no avandado voltado para o lado contrário

ao vento sul-do-oeste que sopra violentamente quando vem. Havia Aqui na Vila Dois Rios alguns antigos contadores de histórias conhecidos logo depois da metade do século passado, segundo, eles que tiveram acesso à documentação extraviada no decorrer do tempo, com base contavam que a sede da fazenda abrigava, nesses pavimentos somente a família dos donos da fazenda e os escravos domésticos. No primeiro pavimento ficavam os chamados escravos de mesa (aqueles que serviam aos senhores).

Ao contrário das casas de serviço situadas além do pátio, que formava o conjunto arquitetônico: eram pequenas casas, as senzalas (alojamentos, cozinha, lavanderia, tacha de doce e etc.) A área tinha abrigos espalhados formando o conjunto arquitetônico inicial que há algum tempo, foi reorganizado e o alinhamento formou ruas com casas de estuque muito bem instaladas com piso de tábuinha, (madeira lascada e depois lavrada), encontrada em um dos salões que resistiu o tempo, até a primeira fase da unidade prisional ser instalada, logo depois da Proclamação da República, em 1889, as peças já desgastadas foram substituídas pelo piso de tacos.

O Casarão de quase 300 anos está situado onde funcionou a antiga sede da fazenda de escravos por um século e meio; conta, também, a história oral que os festejos aconteciam no terreiro que anos mais tarde se transformou num maniqueiral e durante os acontecimentos, os homens sentavam-se ao lado direito e as mulheres do lado esquerdo, o (lado do coração) para não arruinar ao donatário, em quebra de fidelidade.

A cozinha do Casarão funcionava no pavimento central. Na frente sob o atual salão do "Centro de Convivência", encontrava-se seis porões com entradas

opostas, um deles permanecia constantemente arrumado para aguardar o Donatário que tinha o hábito de passar as noites com suas escravas preferidas. E, nos outros, castigava-se quem se rebelava contra o cativo. Os porões foram soterrados em 1805. E, construído, sobre eles uma nova e pomposa sede da fazenda, com salão de capacidade para 70 convidados, prataria, banheiros de mármore, decoração de Carrara e na entrada observava-se duas cabeças de gamo.

Raro foram os contadores de história dessa fase, que conseguiram chegar até aos documentários que compunham o acervo da fazenda, incendiado há anos mais tarde, documentação deixada pela família, portuguesa; a outra parte acreditava-se, que tinha sido levada para Portugal com originais da doação da terra recebida da coroa através de Felipe II rei da Espanha, na metade do século 18. Hoje a maior reserva florestal da região é oitava do Estado.

O Casarão que resta é uma de três unidades do complexo penitenciário da Ilha Grande. A construção, foi um remodelamento do prédio antigo da fazenda que, possuía paredes mais baixas, alteadas, logo depois da Proclamação da República, satisfazendo o, então, ministro da justiça da época.

- Ele precisava de um lugar apropriado para estabelecer uma colônia vigiada, com a finalidade de afastar mendigos e vadios do centro da Capital do Brasil.

Nos anos 30, a Ilha Grande abrigava, os criminosos, homens e mulheres em dois presídios, uma parte no Casarão da antiga fazenda em Dois Rios e a outra no prédio do Lazareto na Vila Abraão.

O Casarão hoje se encontra a disposição do Projeto Eco-Museu.

## ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA DOIS RIOS

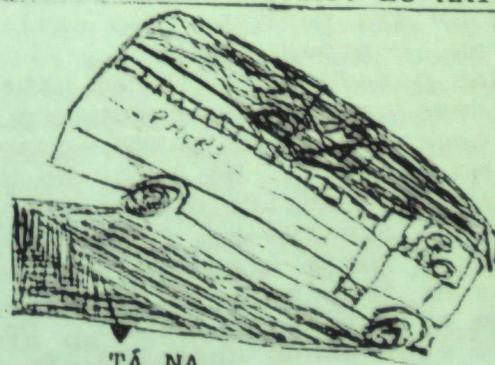
AMVDR

E O MATO?

NÃO! EU MATO.



SÓ SE O MAJOR MAURICIO DEIXAR!



TÁ NA RAMP.

ASSALTO A MÃO-ARMADA NO CAMINHO DO CAXADAÇO

**08/04/04 - Com facão do tipo aos de morador, bandido rouba bolsa com todos os pertences e, tenta estuprar turista na entrada da trilha que leva à famosa prainha**

Era Quinta-Feira Santa no finalzinho da tarde que estava mais para coruja que para gavião: fria, escorregadia, uma chuvinha boba a emporcalhar a estrada e as trilhas, as pessoas que por ela passavam; o logradouro quase fechado, a algaravia, por vez um berro, ruidoso despropositado, que faço questão de ignorar voava. Dobrava a bifurcação no declive da Cachoeira, escudado na Placa. É onde o vagabundo estava a furto, mas não o vejam. São 6 e pouco da tarde, tarde de mais para eles, penso. E são surpreendidos de, brusco que leva, embaçadamente, estabelecer-lhes o pânico com aquilo.

O quarteto formado pelos turistas, na entrada do Caminho que leva a citada localidade do Caxadaço, a 1Km do centro da Vila Dois Rios, em fuga viveram momentos de horror naquela tardinha de ante-ontem. Quando o bandido armado entrou na frente do grupo (duas moças e dois rapazes) e roubou o material do passeio e dinheiro que possuíam, colocando os aventureiros e diversos objetivos por terra, depois de ameaçá-los com o facão, ainda insinuando as a princípio, as moças a prática libidinosa, com a audácia de escolher uma jovem de cada vez para o estupro. Segundo relatou as vítimas, que foram socorridas na Vila Dois Rios, o único assaltante estaria com roupa e disfarce (bermuda, camisa e meia encobertando a cara) e teria dito que queria transar, também, uma delas pusera-se a gritar impendendo a ação do fulano.

A viatura dos moradores dirigida pelo o Policial escalado no dia, passou na hora regressando do Abraão e socorreu as vítimas, que neste momento se livraram. E, tentou-se apurar, cujo, havia uma pessoa suspeita por semelhança as vítimas o identificaram na comunidade, era o rapaz alojado na casa do senhor Liberalino, na Rua Pernambuco. Tinha aparência com o fulano que as atacaram e depois embrenhou-se no mato ao lado do caminho onde ocorreu o assalto e, provavelmente essa pessoa trocou-se e desfez do flagrante.

A técnica usada é a mesma que levanta mais suspeita desse fulano: disfarçado de morador falava com o mesmo tom de voz, que se passou como gente do lugar, o suspeito era paciente e foi embora três dias depois da ocorrência.

Ainda de acordo com uma das duas moças, elas teriam estado sob ameaça e

permanecido alguns momentos, obrigada a relutar com o assaltante em defesa da outra, pois a sua companheira corria o risco de estupro, até que ele ordenou, que as duas deixasse o local e corresse estrada-afora.

A última vítima a se desprender das garras do bandido foi uma moça que fora escolhida por ele, cujo, não podia nem gritar, pois estava com o facão no pescoço, enquanto o seu namorado correu, deixando as para trás. Na terrível situação a toda sorte e ameaças de morte ou de estupro

Segundo, relatou essas vítimas na comunidade, que o assaltante perguntava pelo dinheiro, que a mocinha afirmou, não possuir. Elas acreditam-se que, entre as roupas, aparelhos fotográficos, e outros objetos roubados ele tenha levado cerca de R\$ 1 mil.

Agora, alguns moradores da Vila Dois Rios, quando viajar, terão medo de ter sua casa roubada ou mesmo assaltado no escuro das ruas mal iluminada e tomadas de mato bastante alto.

- Dentro da Vila, a gente não mais se sente seguro - disse uma moradora. O que nunca imaginei acontecer, aconteceu - desafiou sem se identificar para este fim.

O assaltante decidiu fugir quando a outra viajante ficou nervosa e gritou ao ser obrigada a pedir ao agressor para que não estrupasse a sua companheira, implorando para que ele não fizesse aquilo, neste momento ele suspeitou que alguém pudesse ouvir os gritos, principalmente, o segurança da UERJ que tem um posto na entrada da Vila perto dali, tivesse percebido alguma coisa, e irritado, apressou-se e a deixou, antes de tomar-lhe tudo do corpo. Em seguida foi embora entrando no caminho que, po-

de ter levado-o a uma das praias. O caminho foi percorrido, depois, no início da noite, para procurar a referida bolsa, possivelmente, abandonada mas nada foi encontrado até o presente momento.

Ao todo, três das quatro bolsas do grupo foram roubadas. Alguns moradores acreditam que os rapazes foram, no mínimo, ingênuos.

- Eles dispunham de muitas pedras soltas e miúdas, no local limpo da estrada, que podiam serem usadas para se defenderem atirando-as no bandido - lamentou um morador da Av. Rio de Janeiro.

- Eles não reagiram e nem usaram nada como norma de segurança das moças.

A determinação da segurança ou seja, da Vigilância da Vila é de que todos os visitantes sejam permitidos apenas durante o dia através de anotações na prancheta. Dessa forma é controlada a entrada e a saída do visitante. E ficam do por conta do morador a permissão de permanência de seus visitantes.

De acordo com a versão por parte do

povoado, o suspeito esteve aqui a serviço uma vez a quase 10 anos. E agora tornou a passeio e permaneceu por vários dias. Fez aparições fantásticas depois desta ocorrência, comprando quantidades maior com notas de valor mais elevado.

As vítimas e o suspeito foram conduzidos ao Posto Policial (DPO) do Abraão, posteriormente liberados. No dia seguinte o senhor Major Maurício veio à Vila aquilatar os fatos. Parece que não gostou do que viu e soube, em relação a decisão do Comandante do DPO. Que tinha o suspeito legitimamente identificado e não soube guarda-lo para apuração do flagrante ou total isenção da culpa.

Hoje os moradores carregam uma certa dose deste peso que não foi desfeito na hora. Um assalto na comunidade sem se conhecer o verdadeiro culpado. A cara do lalau, a barba, o nariz e poder dar lhe um tapa nas ventas, bem merecido. Seja lá quem for, Deus é grande! É o mundo diante dele é pequeno!

### SABIÁ BAILARINA

Sonhei,  
Acordei,  
Levantei,  
Para ver a claridade  
Da linda aurora.  
Gostosa liberdade.  
Quando, numa hora, despertei  
Pensando ouvir o vento.  
Os galhos do coqueiro  
Na porta da casa balançava.

Num gesto silencioso  
Abri a porta da varanda.  
De um em um  
Vi, então, que eram dois sabiás  
Do peito vermelho, que andavam  
Com a leveza de uma bailarina.  
O silêncio nos envolviam.  
Parecia que o mundo inteiro dormia,  
Menos nós ...  
A lua  
Os sabiás  
E eu.

Lentamente,  
Elegantemente  
Caminhou em minha frente  
E, sob o peitoril, derrepente  
Parou  
E me olhou.  
Percebi como eramos parecidos  
Nós dois de vermelho vestidos  
Os dois a sós na varanda à vontade.  
Como eles estava pleno de liberdade!

Não foi longe a visita

Um brisa da mata sopraram  
Trazendo um cheiro de fruta madura  
Eles esticaram  
O longo pescocinho  
E ..., pareceu-me sorrir de alegria.  
Abrindo as asas ligeiras,  
Deu-me um último olhar  
E ... foi-se embora a voar.

Pareciam anjo ... do céu.

Que veio cantar ...

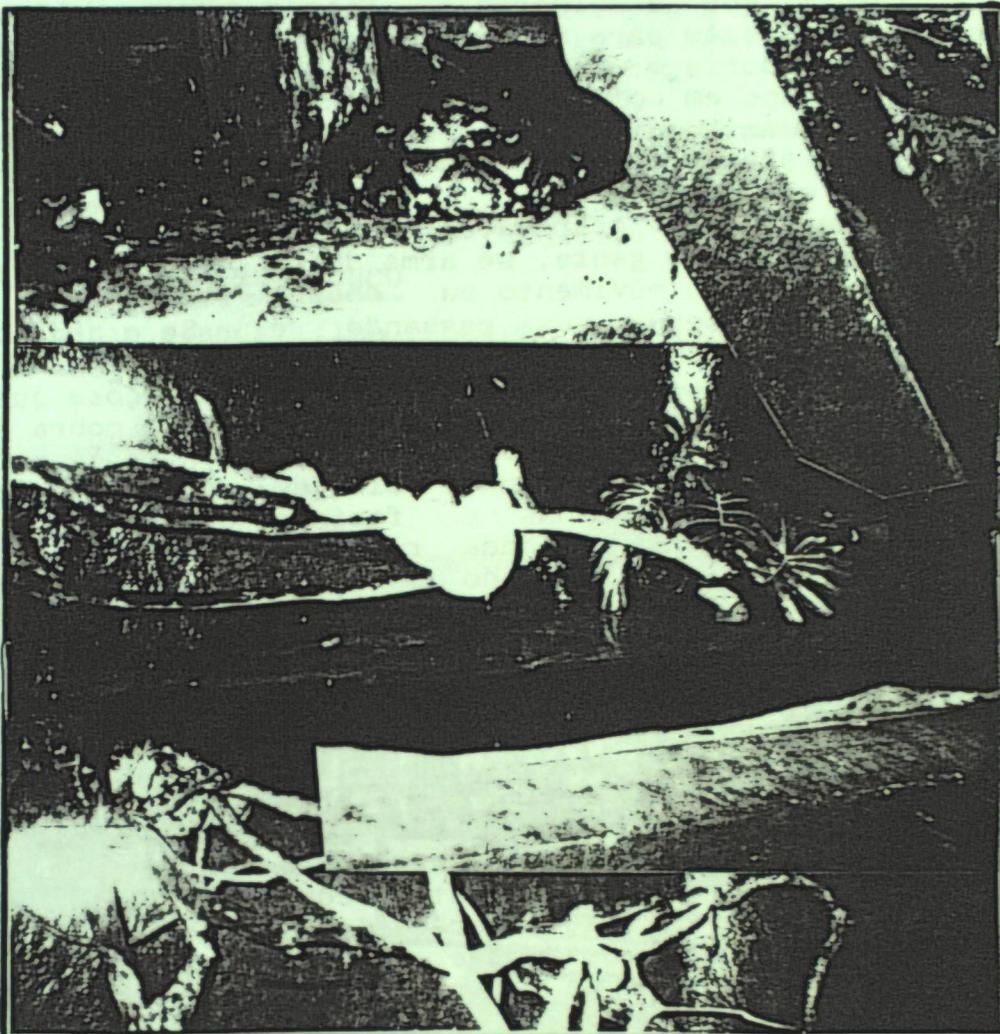
Em forma de Sabiá.  
E para lá voltar. 22.10.2003.

SERPENTE**A Ilha Grande é um lugar muito cheio de cobras**

Tanto é que Ontem, 3h e 30', do 1º dia do ano novo de 2004, o meio do senhor Cantuária foi apanhado por uma e mordido até perder o sentido, quando ele vinha da festa de comemoração da passagem de ano ainda teve tempo de vê-la enrolada por ali na beira do caminho no local da Canituba, onde pré-supõe existir muita serpente do tipo desta conhecida aqui na Vila Dois Rios como "jararacão". Esse mesmo tipo já mordeu outras pessoas, digo, o nosso Jovelino na região da cachoeira da Penal. Tivemos, também, outros tipos de picadas na perna e até na mão, conforme foi o caso que aconteceu com a dona Margarida, alcançada dentro de sua residência no Abraão, bem próximo da dita cachoeira. Muito antes o senhor Lupécio foi vítima de jararaca pequenas no caminho do Cavalinho, na subida. Outra ocasião aconteceu com o nosso amigo Antônio Cordeiro da Gama (o Toninho) quando rastreava um prêso no alto de um morro, vagamente guardo em minha lembrança como sendo o Sº. Antônio ou alto do Sítio Forte.

Nestas ocasiões, não importa o tipo da serpente, resta o atendimento que leva em média muito tempo, além do aconselhado; dado a falta de atendimento na ilha por um todo. Todos foram atendidos, somente no Hospital de Angra, tempo suficiente para morrer ou viver por sorte. Tudo isso leva a população crer que não tem se dado a importância a vida do morador, o que pode ocorrer com qualquer um, até mesmo com um turista. E nessas ocasiões reclamam-se a necessidade da autoridade sanitária atinar pelo atendimento nos postos locais da ilha, como Abraão e Dois Rios que dispõe de instalação própria. Se não continuará levando tempo em média 3, 4 ou mais horas para o paciente receber o primeiro atendimento.

Conta-se que o senhor Moacir, morador da Rua Espírito Santo na Vila Dois Ri-



os, foi há muitos anos, isto é a mais de meio século, mordido por uma venenosa serpente vermelha no "Caxadaço" e foi tratado aqui mesmo no interior do Presídio, onde se tinha todo o recurso para o socorro, e tratamento, médico-clínico, enfermeiro 24h por dia, isto quer dizer que a medida que avançamos no tempo dito moderno, nos afastamos do desenvolvimento tecnológico; a tecnologia se distancia do cidadão de forma que pode ocorrer a morte por falta de uma simples injeção de soro, coisa que naquele tempo atrasado, ainda em início da industrialização, não ocorria. Será minha gente o que está acontecendo com as nossas autoridades políticas investidas no cargo representativo do povo? Em via de descasos deixam dúvidas quanto a questão da falta de recursos, ou vontade.

O bicho, ou melhor (as cobras), costumam manter-se em matos fundos e tranquilos, aqui na Ilha Grande, junto as mon-

tanhas sobre as quais se erguem as trilhas; rondam sem cessar perto dos "centros urbanos" e das "casas mais na encosta, isto é, dos recantos sombrios onde ficam árvores em canteiros e macega ançadas pelos moradores e visitantes. É lá, também, que as mulheres e filhos descem ou passam para ir à escola, comprar mercadoria e utensílios, abrir e esvaziar papo em comentários diversos. Por lá passam todas as crianças; e criações domésticas. a procura de algum alimento ou lazer.

Quantas vezes a jararaca, aproveitando a distração da gente, se arma do bote, atraída pelo movimento ou cheiro das roupas ou pernas nuas passando e se dispara vorazmente da investida! Em outras ocasiões, aliás bem frequentes, o ofídio faminto avista o ninho ou filhote dormindo à fundo, observa-os pacientemente, mergulhando na folhagem e deixando de fora apenas o focinho plantado em cima da hedionda rodilha. Quando, enfim, vê o bichinho mexer-se descuidado, precipita-se sobre a vítima e arrasta-a para o refugio.

O jararacuçu não hesita em atacar o homem desprevenido, em horas de caminhada ou travessia (trechos). Toda cautela é, por isso, necessária. infelizmente o pobre cacete matuto de nada serve contra ele, pois que nem as pontas mais grossa da guaxima verde podem amarrotar a sua cabeça. O sistema comumente empregado para defender-se, consiste em espantar numa enorme distância de um lançamento de pedaço de pau e pedra ou cacetada no chão. A serpente avança sobre os pedaços apetitosa e rejunta-os junto com as folhas secas. Basta, então, segurar o outro arremesso que serve de defesa e exortar o bicho para fora do caminho a fim de passar-se danado cacetadas no chão, e se ela for teimosa continua enroscada sem sair do lugar até morrer ou morder outra vítima.

Pena é que os moradores não saibam e nem possam tirar proveito desta peçonhenta. Não dispõe de meios para conservar e colher o soro venenoso tão apreciado para o produção de medicamento caro. Não contentam-se, em certo aperto de pavor, de poupar a extremidade da cabeça do reptil e abandona a lambisgoia cinzenta e fina morta, pois diz ser bastante inconveniente deixa-la ferida sem exterminá-la.

O sucuriú pequeno tem por habitat os brejos escuros, os terrenos baixos ou mesmos inclinados alagadiços, os mangue de lagoas e sobretudo os tremedais como os do Leste e os daqui perto da Usi

na Velha do antigo presídio, isto é aqueles lugares bastante lamacentos escondidos atrás de orlas de matos fechados. Amiúde andam por ali guaxinim e caviúdeos que vivem pastando e roendo em liberdade e não é raro alguns espojar-se no lamaçal. O reptil, que de longe os observa, deixa-os avançar para, de repente, lançar-se sobre eles e dominá-los. Sem demora começa a enrolar-se com a vítima presa, quebra-lhe ossos, demoradamente, esmaga-lhe as carnes, tudo inundado de baba, reduz a sua refeição a uma massa desqualificada, para enfim, a engolir lentamente. Este processo leva tempo.

Se a deglutição é vagarosa, mais demorada ainda é a digestão. É dessas três operações que aparece a Caninana, uma outra cobra desta região que habita o centro da mata nas montanhas, só aparece cá em baixo em certo caso como esta ou quando persegue a presa do alto para baixo. Aproveita a caninana para exterminar o sucuriú pequeno, incapaz nestas ocasiões de opor, naqueles dias, qualquer resistência. Do sucuriú ela engole a cauda até a cloaca, ela separa o resto do corpo e abandona-o vivo que, com tempo se recompõe novamente. Do reptil pode se utilizar a espuma, deixada no local da sua temporada, considerada remédio eficaz nas afecções reumáticas. Coisa que ninguém sabe aproveitar. Assim perdem-se substância importantíssima na cura. Além disso ele, também, deixa a sua pele escondida no mesmo local que, é medicamentosa, acaba sendo consumida por outros animais.

Também temos as arborícolas que vivem em árvores, nas montanhas umidas da ilha, são predadoras de aves e insetos, representadas por dois tipos diferentes apenas pela cor: a vermelha escura e a verde. Vivem algumas em qualquer bosque e arbusto frutífero e gostam de aparecer, a certa distância do indivíduo esticando e mergulhando ora para frente ora voltando, desaparecendo na concordância da cor, acima dos galhos inferiores, como para melhor livrar da vista da gente e provocar a pessoa, com seus miraculosos movimentos aéreos, muito semelhante a trapezista. É sempre difícil vê-la por mais de uma vez. Aí surgiu entre os antigos moradores, "atirar em cobra é o mesmo que jogar bala fora não acerta nunca". Único jeito de acertá-la é com a foíce. Golpeada dentro da moita ela afunda e morre em local onde é custoso alcançá-la. O meio mais seguro de capturá-la consiste em surpreendê-la quando voa a procura do pesco-

2004

ço da gente onde se enrosca, depois de ter apanhado algum filhote de passarinho, seu alimento predileto. Os antigos moradores da ilha não desanimavam, nessa peleja, apesar da dificuldade de se defender, andavam sempre que ia ao mato com um facão na cintura, quanto mais comprido melhor.

Os magníficos objetos afiados das lojas encontram compradores até nos dias

de hoje, nos mais diversos sertões.

Com esses facões os habitantes caprichosos abre caminho no cipoal e enfeitam o cinto, pendurados com certa habilidade trás maior segurança ao sair numa caminhada de mato e por esta razão, para quem sabe serve o famoso facão de mato e o porrete na mão. - Para se defender das serpentes.

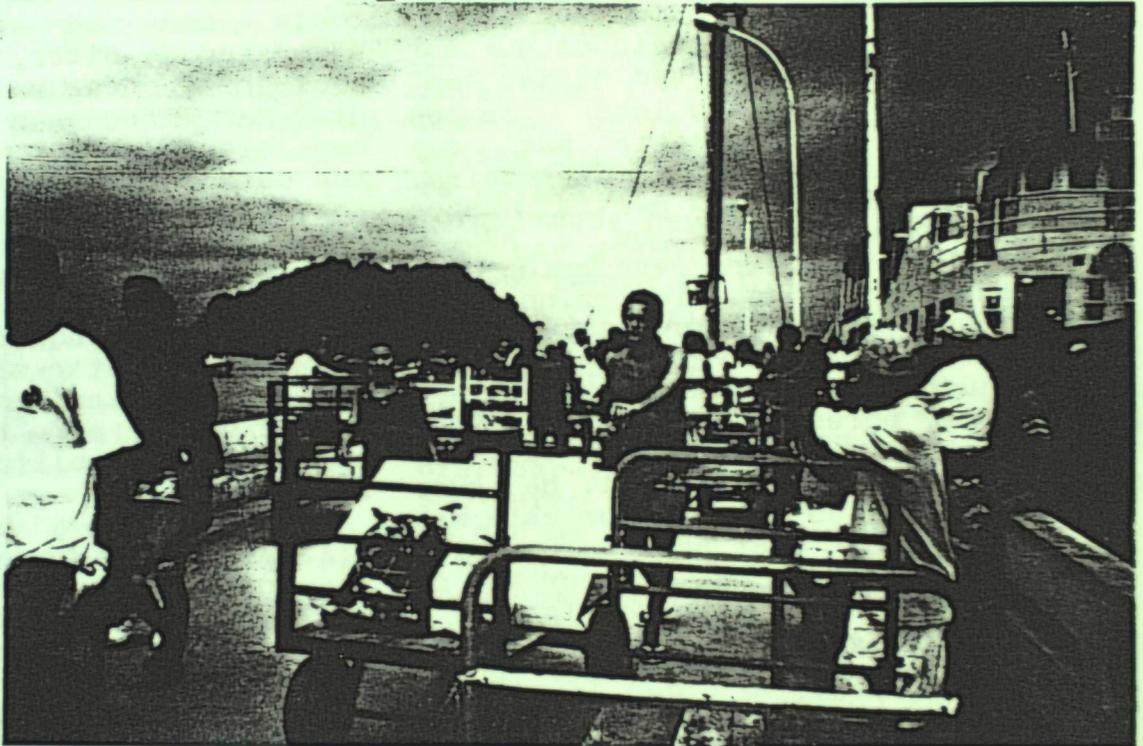
### MUNDO LOUCO

Abraão nos seus últimos 10 anos, após a saída do Presídio: em 1993/1994, o povoado e seus arredores, se orgulhavam de ser a região que mais crescia na orla da Ilha Grande, onde se construiu a dez ou mais pousadas ao ano. Nenhuma localidade de angrense cresceu tanto em tão pouco tempo e foi tão concentradamente vítima, daquele vapor da corrida a qualquer preço.

O "Paraíso das Maravilhas" atraía enormes correntes comerciais de empresários brasileiros e ou do molho Oriental, fugindo da falta de opção miseráveis nas grandes cidades, incorporando-se aos poucos comércios do morador antigo que, transformavam a face da Vila em poucos anos, sem que o centro urbano tivesse condição capaz para abrigá-los, sem causar danos a vida do homem e a do meio ambiente.

Abraão tornou-se a capital, do capitalismo privado da Ilha - em que a pousada, o veranista e tudo mais destinado ao turismo era a espinha dorsal, mas - ao mesmo tempo, o lugarejo berço da nova classe, assim como de novos movimentos sociais e de uma intelectualidade de crítica renovada - agora, com veemente "força-pilitica" concatenada, haja visto os diversos seguimentos que surgiram como: ONG, Associação dos Meios de Hospedagem, Associação dos Barqueiros, Comissão de Defesa Permanente da

Ilha e outras mais que fatalmente surgirão. Isto é bom não é?



Porém, a aglomeração urbana gerada por esse processo monstruoso transformou Abraão e Arredores na área em que acontecem os fenômenos mais interessantes que uma comunidade do lugar, hoje, pode viver, do ponto de vista social, cultural, econômico, político, mas, ao mesmo tempo o mais lesivo, para o meio socio-ambiental; fez do local um vulcão de contradições.

Assim, viver em Abraão - Vila Dois Rios tornou-se, paradoxalmente, uma forma de absorver toda essa fartura social e cultural e, ao mesmo tempo, um peso pelo que significa em perda de nervo (doença dita grave), de mal-estar pela contaminação das praias, rios e cachoeiras, mas também, pela obstrução das vias públicas.

Quase sempre de volta ao meu sertão:  
- Na Descarga há confusão na entrada

e na saída do Cais - ali está uma espécie de estiva que inspira emprego voluntário, até de uns menorzinhos, conforme quase sempre encontro com alguns deles, crianças de uns dez ou doze anos ou pouco mais, acontece abordarem a gente querendo ajudar, misturando ao meio de adultos cansados com seus quarenta ou cinquenta janeiro puxadão, que faz da confusão o seu ganha pão. Ai, sim a confusão se estabelece a nossa frente no Porto a cada atracar das barcas S/A. Um serviço que mais atrapalha do que ajuda, a saber - da forma como tem sido feito, nas horas em que a gente chega cansado - as voltas, com as nossas compras - e, tem-se pela frente um verdadeiro obstáculo que transforma a sua e a minha chegada num mundo louco, com o emaranhado dos carrinhos que surtem a travar a frente, sem deixar caminhar; - anda um pouquinho depara com o "famoso portão", este por sua vez, fechado para afastar o carroceiro.

Ali você acaba com os nervos. Lança mão de um daqueles serviços, a R\$0,10 (dez centavos) o metro percorrido com as nossas compras no veiculozinho, sem se dar conta de que já custam um absurdo no mercado, ainda vêm o caso de mais um ajudante lá no cais de Angra a este preço, porém mais encontra, confundindo o pobre morador com o turista. Não há distinção de quem vai, de quem vem todos os dias e passa por este mesmo processo, e lá quer saber? Daqueles que estão passeando uma vez por ano ou nem isto. Todos nós somos obrigados a pagar R\$4,55 de passagem e mais 10,00 de frete por carroçada, ou por outra carregar nas costas.

Mas o pior não é isto, é pagar por serviço daquele tipo que, lhe pega pelo caminho depois de muito sofrimento. Não há tempo pra nada: nem para embarque, nem para o desembarque do material que, compõe a bagagem dos: (passageiros, turistas, moradores, pousadas e do comércio-varejista). De forma que, é o mundo louco no Cais do Abraão, quanto melhor o tempo, maior fica a confusão. E o mais prejudicado é o morador.

E, principalmente, o morador da Vila Dois Rios que, depende de chegar a tempo, em um outro complicadíssimo sistema de transporte que, nem sempre está ciente de que, lá do outro lado da multidão, sumido atrás de todo aquele mundo há uma pessoa cheia de tudo: (compras, nevrose, pressa, paciência, fome, secura, medo e etc.) que nem si quer

conseguiu dar as caras no local do auto-carga e ou coletivo usado entre Vila Dois Rios-Abraão. Sob ordem e desordem muitas das vezes fica-se a pé, porque quando chegamos lá fora o carro não existe, ou não mais ali está, já parou ou se encontra apinhado.

Lá eu vou na vida de morador da antiga área penal. A área do presídio e arredores que dista desde Abraão ao meu sertão entre Caxadaço e Parnaioca dito num carcere de outrora; vivemos com companheiros de luta, algo significando: que na prisão afloravam no homem suas reações mais baixas. Os mesmos moradores resistem, muitos se segurando na defesa de seus princípios; os modernos resistem menos. Menos ainda os intelectuais - como eles são fracos! Tomemos a coragem de dizer, outra categoria que aqui chega e faz a sua casa. E a moradia? Mas entre os que chegaram, permanecem; alguns erguem no poder, como tantos outros se tornaram veranistas! Quantos morreram de canetadas baixas na ordem: Município, Secretaria, Estado? Ninguém sabe! Só as estatísticas podem mostrar.

- Sim! Como naquele tempo jovem que vi muitos deletar na política, diante do poder popular, lento e gradual, e não deixou provas para requerer ou insentir da responsabilidade diante do público.

Recorda a voz do povo a "voz de Deus" citada na mais prudente canção já conhecida de todos nós, cansados da vida. Que parece até eterna. Vem cá companheiro de caminhada, deixa o riso pra depois? A coisa é seria!

Nós estamos no mundo louco!

Começando na Vila Dois Rios e terminando na Vila de Abraão, morta pela poluição... na areia da praia onde havia lula e camarão, sem falar na espada. Hoje só baleia e tubarão pesados. Aves-marinha nem pensar. Banho de mar somente lá depois da montanha ou acolá; estamos morrendo antes do 15º aniversário da saída daquele que foi um marco desta história. Da era atual.

Senhor Deus dos desgraçados onde estas?

Senhores governantes, até quando o povo deste lugar será punido por tê-lo no poder?

E no poder os seus representantes?

Que fazem-me desta nossa gente o mundo louco aqui no Cais deste Abraão em fuga para Vila Dois Rios. 05/01/2004.

UM TERMO REPUDIADO POR MUITOS

Me desculpe meus amigos, mas tem coisa que é muito pesada para ficar só na cabeça, lá dentro guardada sobrecarregando o lugar de muitas outras coisas que acumula. E, a gente é obrigado transferir para o papel, para dar lugar a outras coisas mais úteis.

Naquela noite nos deparamos assentados. Eu e um grupo de quatro outras pessoas, um deles era o filho da reitora que, se diziam:

- "Viemos fazer um filme que contará a vida histórica de vocês, como vivem as pessoas aqui" e etc., etc., etc.

Eram bons os rapazes e a moça, cujo, o nome não tem importância citar, ou não deixar citado, bastando frizar que a intenção era uma só - "um filme". Ou seja, falar de um suposto evento desta natureza.

Atraído por esta colocação, logo o senhor Liberalino, o conhecidíssimo senhor, que atende pelo alcunha do caminho por onde passa "Goró", como ele mesmo faz questão de alimentar, contrariando a quem procura o pelo verdadeiro nome. Com este nome popular pode ser chamado por toda parte.

Ali ao lado para nos propiciar música, havia um visitante buzinando a sonorização aos nossos ouvidos, armazenando tudo, - o pagodeiro Carlos com seus CDS, o que, pareceu-me de boas qualidades da MPB, mas nem isso nos abatia da curiosidade imensa do propósito a conhecer, conforme desejava apenas nos confraternizar.

Eram quatro: um roterista, uma fotógrafa, um historiador e o diretor, cujo, a moça eu estava bem próximo dela e podia observar lhe a calma, ela naquele interim, somente, prestava a atenção aos "x" (chis) do rompante da conversa dos componentes que, na alta-hora da madrugada tinha como tema central o filme e, a esta hora facilitava o que não chegou a ser propagado, isto porque o assunto pendeu para outro lado indesejado e duro da realidade levado por mais ou menos a contra-gosto, pelo vozeirão do Goró que colou no historiador; teimava em discutir o tema que rolara na comunidade durante a semana que antecedeu o dia 25/10/03 e vinha se arrastando a meses com o "Termo". Um documento que nasceu no dia 20 de janeiro de 2002. O dia em que a magnífica reitora Nilcéia assinou o "Compromisso" que mais tarde viria cair na cabeça dos moradores da Vila Dois Rios comumente conhecido como "Termo de Conduta" a bem dizer - procedimen-

to, comportamento de todos nós ao pé da letra. Uma verdadeira semântica... Esse tal termo que, referia o insistente senhor Goró naquela noite com tanta fúria, que, lhe apareceu numa hora mal dita, para atazanar a vida de muitos ex-funcionários públicos, hoje, militante comunitário radicados nas terras públicas da Ilha Grande, diz-se Dois Rios e Abraão. Aqui vêm a insólita Moradia de muitos anos. A questão da vida, então mudou a partir daí, (vida ou morte) por todos os meios, até pode acontecer como o brutal (suicídio) há quem assinou, agora neste Termo que, para muitos foi um verdadeiro massacre e para outros não. Endenderam que foi uma formalidade para conduzir aquilo que deve ser administrado pelo Estado através de terceiro. O patrimônio que antes era conduzido, tornou-se uma deixa ao sabor da deriva oscular que permanece flutuante. Sem nos deixar colocar os pés no chão firme, fez-se de conta que: apareceu alguém na hora "H" para oferecer-lhe um fundo de areia fugidia submerso na marola que, nada mais é do que um solo sobrepujante.

Agora, vejam bem senhores, naquela época completava 635 dias de enfrentamento com a Instituição que representa o Governo, ainda não se entende nada, durante os quais as partes e os representantes do Estado em toda a região mativeram as suas portas cerradas, o comando comunitário, dos moradores questionados, considerou entendidas e atendidas as suas reivindicações e decidiu-se pela "assinatura individual" ao documento e as responsabilidades públicas corria por conta de quem o assinasse e das judiciais de quem não a fizesse, independentemente da classe coletiva.

Na verdade, a extensa pauta de exigências da repulsa se resumia a um único item decisivo: a palavra do "Goró" é esse item que ele queria saber e buscava nas fontes o saber sem dar oportunidade atacava o indivíduo relativo ao não assinar.

- Documento que regule o uso do imóvel.

E, com isso ele e muitos outros foram parar na justiça e voltaram cabis-

baixo, com certeza tiveram lá a resposta que queriam ouvir e não encontraram correspondente na comunidade.

A bandeira corporativa, pode se dizer assim - para expressar a (defesa dos interesses ou privilégios de um setor organizado pela sociedade, em detrimento do interesse público) e anacrônica da oposição ao projeto de sistema (conduta que forma estrutura organizada das propriedades do Estado), serviu apenas para mascar o movimento e facilitar-lhe o trânsito em meio a outras iniciativas que se arregimentariam na mesma direção.

O encerramento da repulsa em Angra dos Reis por parte da minoria, representando a maioria, não significa um

ponto final automático nos graves prejuízos causados aos conservadores. Muito pelo contrário continuam lutando para ser morador. Aguardando o que vem por aí...

Naquela noite eu nunca queria estar ali, passando privações diante dos meus visitantes ilustres, mas estava, não podia fugir (seria tachado de covarde) porque havia assinado em termo, repudiado por muitos.

Nada de análise técnica-jurídica foi feita diante da falta de estrutura: financeira para o acesso advocatício ou conhecimento político que amparasse de fato a população leiga. E, leigo ficaram. Por estar consagrado na região só nos resta orar para o S. Santuário.

### C A D E I A

Uma terra toda ilhada,  
Nunca saio daqui pra nada,  
Na praia uma vila cercada  
De ufanas florestas.

É a Vila de Dois Rios.  
Aqui firmei a minha moradia,  
No tempo do presidio.  
E, depois vi com tristeza,  
Desaparecer:  
O prédio e, o preso também.

A noite havia cantoria  
De um samba enredo,  
Com tristeza  
Na voz do preso.

Cândido Mendes,  
O seu nome  
Foi uma prisão.  
Num repente  
Tudo foi ao chão.  
No momento de uma explosão.  
O mundo escureceu,  
Na poeira o homem se perdeu.  
O caldeirão se derreteu.

Em cima dos escombros  
Surge a farda,  
Ternos e gravatas,  
Olhando paredes penduradas.

No peito veio a dor,  
Do homem morador!  
Esta Vila é da Uerj.  
Pegue as suas gentes  
Vá morar noutro lugar  
E, lá vocês façam outra vila.

Sem a lei a proteje-lo,  
Essas gentes teimosas  
Formam a sua ilusão,  
Grande discursão.

Assinando o papel,  
Mudou.  
E, teve a aceitação  
E, continua morando.  
E, hoje  
Quando há noite.  
Chega eles meio bebidos,  
Ali reunidos,  
Em torno de uma mesa,  
Começam a relembrar  
E, dela falar...

Que saudade  
Eu sinto  
Da cadeia!

Cadeia!  
Ó cadeia!..

Hoje eu vivo tão longe  
Mas, eu não me esqueço dela.

Ó cadeia!

A minha cabeça  
Nunca ti odeia.

Ó cadeia!

Cadeia.

03.04.2004.

CARO LEITOR

A primeira parte da História que segue aqui nesta lauda foi publicada na Edição anterior a esta. Porém, está sendo repetida para fins de complementá-la e se ter a narração por um todo com

base na loquacidade do Interno Morada no interior da Prisão conhecida comumente como o "Presídio da Ilha Grande" Cujo, foi iniciada sob o título "CONTANDO HISTÓRIA" e tem em mão a prosa:

CONTANDO HISTÓRIA

Acredita que antigamente as pessoas do interior tinham medo de andar de ônibus? Era assim mesmo no sertão das Minas Gerais como Braúnas interior de Itapetinga vizinha de Cel. Fabriciano, Timóteo, Caratinga e etc., - contou-me por certas vezes o Interno Morada que ficava a contar suas histórias na grade da sua galeria no interior da Prisão (Penitenciária Cândido Mendes) quando o agente estava lá de plantão, seu nome, se não falha-me a memória, era Marco Aurélio Morada o "Mineiro da 2ª Ala A", lembrava que muitas vezes sua mãe levou-o lá às festas dessas cidades, isto lá pelos idos dos anos cinqüenta, tempo que ele ainda não era ninguém, mais do que um pirralho de barra de saia de mãe, tia e amigas da mãe, que era filha de gente considerada rica naquelas terras de bugres.

Lembrava que uma certa vez acordaram com o seu pai, engabelando um monte de mulher em pânico, entrando no ônibus e mandando que elas vestissem imediatamente suas capas mineira de chuva e fossem para o deck no fundo do tram-bolho, pois o ônibus jogava e, apitava com uma buzina velha de grito fino, diferente das de hoje, muito debaixo de alguns raios e um tremendo temporal.

Um raio caiu encima do ônibus, quando eles estavam indo de uma cidade daquelas para outra, (Ipatinga para Braúnas), debaixo de uma "trimbuzana", conforme destaca que dizia aquela gente. Não tinha medo de ônibus, mas confessou que aquele tranco inesperado fez lhe chamar a tia Mariazinha.

- A senhora não tem nenhum remédio para ...? Perguntou ele.

Sem que ele terminasse a frase, que acabaria com calma, ela perguntou, apressada:

- Por quê? Você está enjoado?

Respondeu, como pirralho que era:

- Não. Tô louco.

Foi o bastante para a tia arregalar os olhos e, levantar para procurar outro lugar mais seguro. Então, fez o esforço de si comportar pensando que, ele não iria ficar realmente louco, dentro

daquele ônibus que, aquele medo das moças não era seu, também, mas sim daquela gente do interior que, tinha pavor de ônibus e só gostavam de viajar de charrete, desde que uma amiga velha enigmática muito sabida pressagiou, que tua família morreria num acidente de trânsito. Disse, também, o seu avô seria dono de todas terras vizinhas, o que jamais concretizou. Mas, para ele, nenhum vate havia dito nada, então, pensei que, os seus medos já eram suficientes e, que não precisava incorporar a eles os de suas tias. Correu a vista ao redor e, como todos estava achando, o fato de o raio ter caído em cima deles uma coisa normal, deixou a memória alucinante ti levar por seus infinitos e, embarcar no Cometa da Viação Interstadual que, levaria ele e sua mãe de volta à Rodoviária do Rio de Janeiro.

Ele e a sua mãe adoravam essas viagens com direito a tias, amigas e babás aos prantos, na estrada deserta, olhando a paisagem distante enquanto o ônibus buzinava, passando lentamente numa época em que as viagens demoravam dias para ir, dias para voltar e meses no lugar onde se visitava, para justificar os intermináveis preparativos que incluíam colocar na mala casacos, suéteres, peles e galochas para andar na lama da rua, da estrada de terra e os campos durante a chuva de verão no interior, lembrar das roupas para se usar no caminho, onde o clima poderia variar, e não esquecer da listagem de encomendas dos parentes e amigos: variava do milho verde ao arroz novo, frutas, doces e carne frita no tacho de cobre do engenho de cana. Sua irmã e ele malucavam nas brincadeiras preferidas do tempo antigo como (pique será, chicotinho queimado, cobra cega, caçaçaça, roda de terreiro e muitas outras improvisadas).

Demorava-se 4 dias para chegar à região do Estado Norte Mineiro e 5 até ao vilarejo do destino final na fazenda chamada Paredão que, plantava café, cana, roça de época e fazia criações,

o que era uma tortura para seu pai, e sua mãe, que enjoavam a maior parte do tempo, e passavam 50% da viagem acordados na janela.

Muitas vezes o seu pai ameaçou saltar no meio do caminho e pegar um carro de aluguel, de desespero com a demo

ra. Já ele e sua irmã aproveitavam a viagem o tempo integral, dormindo, quando não participando da intensa programação dos passageiros dos primeiros assentos, fugindo para os últimos, para bagunçar ao som do rádio, e ainda tomando conta da vovó, que não enjoava, mas invariavelmente caía no chão quando o ônibus balançava com ela fora de lugar, até o condutor pachorrento, o próprio ia levá-la cheio de delicadeza e tagarela. Disse ele: esticando papo.

- Uma vez o Jairinho da tia Conche, menino de 10 anos sardento e muito feiinho, que todo mundo no ônibus achava chato, caiu se contorcendo no chão. As crianças começaram a cantar uma marchinha de carnaval que estava na moda, coitado do Jairinho, e eles riam muito. O primo foi operado de urgência de apendicite supurado e passou o resto da viagem na padiola, o que os deixaram culpadíssimos e com a obrigação de visitá-lo o dia inteiro a contar-lhe as focas do rádio, onde homens safados agarravam crianças e meninas bonitas enquanto seus pais não estavam em casa. Viraram grandes amigos durante um bom tempo na viagem ao interior, depois se perderam no mundo e o deixaram sozinho. O coitado do Jairinho cara larga conforme eles o passaram chamar!

Uma festa estava programada em homenagem a passagem pelo Vale do Paraíba. Pernoitaram numa cidadezinha para fazer a solenidade, as pessoas compareciam fantasiadas, as meninas jogavam fari

te, caía espatifando-se e fazia quem vinha logo atrás esbagaçar aquele nojo.

Brincaram até ao final da festa acompanhados da avó, que dessa vez aguentou firme e não caiu no chão. Seus pais tinham ido para o sobrado do hotelzinho, enjoaderrimos. O ônibus parado na frente. Até a criançada enjoaram com a cabritada preparada. Que uma amiga da mãe o forçou a comer. Teve de sair da festa correndo e subir a escada para o quartinho. Nunca mais quisera comer ca Brito. Até aqueles dias do mês de setembro do ano de 1985.

Dormiram falante após a festa quando acordaram com o seu pai, em pânico entrando no quarto às cinco e meia da manhã e mandando que eles vestissem imediatamente e fossem para o ônibus, pois o bicho zoava que nem gato e apitava muito debaixo de um outro temporal de raios e vento frio, que obriga sua mãe abrir malas para tirar os capotes. Ninguém mais podia ficar no quarto, a hora de reiniciar a viagem pelas campinas era aquela. Até o jairinho, recém-operado, estava lá. Deviam obedecer as ordens do motorista o Moreira. Mulato não muito alto, gente boa, trabalhadeira. Sua irmã e ele cambaleavam, fazendo tipo de importantes, qual dois heróis de Teatrinho de Rádio quando saía à rua.

As rajadas explodiam na cozinha do ônibus enchando passageiros e motorista pela janelinha, ainda meia-aberta. O trambolhão apitava de velho e jogava e jogava. Seu pai roia as unhas andando corredor-afora acudindo mulheres que disparava grito medroso no ônibus.

Perguntei à mamãe por que ela não estava com medo? Afirmara ... respondendo que só tinha medo de que papai não fosse ao seu lugar vê-la como havia sido preparada. E, também, as suas amigas para esperar...

- Esperar a primeira capotagem. Fim.

### Olhar Sangrado

Choro o meu casarão branco,  
Olhava o muro que só era simbólico,  
Onde podia passar sem olhar,  
Não pensava que um dia eu ia chorar.

Olhava o jardim; na praça um banco,  
Olhava o chafariz golfando,  
Podia lavar e beber sem olhar,  
Sem pensar que um dia ele ia acabar.

Nem jardim nem casarão,  
Nem o banco da praça,  
A varanda de onde eu via,  
Não vejo mais, o chafariz além da praça.  
Acabou minha doce ilusão,  
Tudo que restou se tornou sem graça:  
Os muros rasgados,  
O casarão pigmentado,  
E, vazia a praça no meu olhar sangrado.

08.06.2003.

Reproduzindo o Presídio:

Tema: Terror

Dissertação: Realidade e ficção

UM GUARDA APOSTOU COM O OUTRO:  
QUE AQUELE OUTRO NÃO TINHA A  
CORAGEM DE A MEIA-NOITE IR AO  
CEMITÉRIO BUSCAR UMA CAVEIRA,  
TRAZER AO PRESÍDIO À PRESENÇA  
DE TODOS E LEVAR DE VOLTA À  
SEPULTURA. ASSIM O DÉCIO COLO-  
CA EM DÚVIDA A CORAGEM DO SÍL-  
VIO. ESTE PRIMEIRO PERDEU A  
QUESTÃO.

### O CONTO-DO-CEMITÉRIO

#### VILA DOIS RIOS

Numa larga faixa territorial da Ilha Grande, banhada pela praia entre dois pequenos rios floresceu no meado do século XX e até final do mesmo, uma civilização de bravos guardas de presídio, policiais militares e presoneiros lotados no Instituto Penal Cândido Mendes, que foi a Colônia Agrícola do Estado da Guanabara ou a Colônia de Dois Rios.

Naquele dia era uma bela tarde do mês de dezembro do ano de 2001, pouco antes do Natal. Lá estava minha cadeira vazia na frente da Cantina do JSPCM uma estalagem dos velhos tempos da ex-Penitenciária Cândido Mendes, vem-me o amigo Pedro dos Santos e ocupa-a puxo uma outra e sento. Antes ele era o Pedro da pesca do presídio. Hoje ele é o chefe da segurança da UERJ. Um guardião da Vila Dois Rios que, atua ainda com os mesmos rigores de antes da cadeia cacabar.

Começou a conversar querendo falar de uma história meio pitoresca de assombração que aconteceu com os guardas da antiga cadeia desta Vila Dois Rios, num dia de pagamento.

- Surgiu-me cortada pelos fregueses que tiravam do meu ouvido as palavras dele, mesmo assim fui ouvindo aquilo aos poucos, contava um fato que se passou a tempo remoto, no seu tempo de carcereiro, numa ocasião bem sucedida. Na época do decorrer de anos aureos, em que os guardas da Velhíssima Colônia Agrícola do ex-Estado da Guanabara, sobressaiam de um Regime de Dita dura, compreendido como sendo um período "revolucionário" da Velha-Guarda brasileira da década de sessenta. Os guardas daquele tempo eram bons artis-

tas, podemos dizer assim, para desprojetar do abismo taciturno que, estavam mergulhados desde 1891 de Floriano Peixoto até a transição.

- Ainda não se cogitava na Junta Militar de 1969 de: Lira Tavares, Augusto Rademake e Marcio de Souza e Melo. Nesta ocasião estavam em pleno governo de Costa e Silva (1967); havia passado Castelo Branco recentemente o comando da Nação que, recebera das mãos de Rainer Mazzilli e este recebera de João Goulart que, já havia recebido de Jânio Quadros numa cadeia sucessória num espaço de quatro anos. Auferindo a novíssima Capital Federal do Brasil de Jucelino Kubitschek, e muito otimismo com Faria Lima no Governo do Estado.

Neste tempo a nossa Vila Dois Rios, a Penitenciária e o corpo-funcional estavam em pleno vapor, carregados com uma energia majestosa de alegria de viver, toda doce e por isso, gostosa dentro e fora do ambiente de trabalho.

- Ninguém falava em política, já mais votavam, era como se estivesse no asso-

brado de um teatro, talvez o "Carlos Gomes" fosse o mais indicado, assistindo tudo na penumbra entre família e ria-se solto. As gargalhadas que se dava não eram providas da peça, mas sim provocadas pelo prazer da casa arrumada, ligeiramente em ordem no tempo do diretor Paulo Américo no gabinete, ali perto do Corpo da Guarda. Na direção, pouco depois foi substituído por Murilo Maldonado já em 1962. Em 1966 o Estabelecimento foi às mãos do Capitão da Polícia Militar - José Tabosa de Almeida. Logo depois os guardas tinham como diretor o Capitão PM Samuel de Oliveira Tavares, isto é em 1967. E, nos anos subseqüentes estavam por ocorrer a sorte da dinastia da Ilha Grande com a queda daquele e assume Bonifácio Dias Barreto - oficial superior. Que antes de terminar a década de sessenta passa o cargo ao seu subordinado, Capitão PM Sebastião Cesar Calheiro, este dirigiu firmemente a disciplina, impondo rigidez aos presos, funcionários e militares.

Esses diretores e seus funcionários formavam uma espécie de Corte da Ilha Grande na época. Só para se ter uma vaga idéia o meu narrador citou: Walkir Coutinho, provavelmente aspirante à Seção de Classificação; Zaquel Pereira na Segurança; e, Lupércio de Albuquerque na Subsistência. No Serviço de Administração Natalício José Martins - e, aí a jacutinga piava na mira de: Sadir Cabral, Antônio Menegildo, Orly, Zico, Pedro dos Santos, Déio Lindolfo de Oliveira, Waldemar, Zizi, Celino, Julio Simplicio, Horizontal, Antônio Simplicio, Francisco Euzébio, Valdir Jordão, Prudenciano, Benedito de Jesus, Sebastião Gama, Sebastião Xavier e muitos outros padrões funcionais reconhecidos que, não dá para enumerar da época federal.

---

Naquela época o pagamento dos funcionários era efetuado na boca do cofre da administração da Penitenciária conforme a descrição do contista Pedro dos Santos, que neste momento diz logo depois da chegada do malote destinado ao Cândido Mendes, remetido da Capital através do condutor de expediente (men sageiro), cujo era um guarda, o Waldemar. Nesse dia ocorria a cerimônia do pagamento que era uma das mais pomposas. Havia normemente aquela confraternização regada a uns comes e bebe tradicionais.

ternização regada a uns comes e bebe tradicionais.

Ali, aguardava-se todos os guardas como de costume reunidos no vasto saguão da administração, quando não, ficava-se ali por perto na espreita; espalhavam-se desde a entrada principal, lotava o prédio até o interior da primeira galeria. Lá dentro do saguão da primeira galeria era de hábito bater papo, deslanchar de contar histórias, cada um dos guardas chacoteiros, queria contar nestas ocasiões uma história mais espalhafatosa do que a do seu companheiro. O que com isso acabava por transformar o ambiente em um salão de festa tradicional... e muitas das vezes saía lá os seus fusuê.

E, a tertúlia continuava a historiar...

- Conversa ia, conversa vinha.

Neste determinado dia, cujo não se sabe ao certo, o Pedro só me revela que, naquele dia houve por sorte da galera ou infelicidade, o atraso do vulgo "MALOTE" e os acontecimentos da festa foram prolongados, puxados para mais tarde por força deste atraso desproposital de incidente do percurso: Já eram tantas às horas da tardinha, adentrando pela noite e nada do benedito malote chagar!

- Todos os guardas continuavam firmes no amplidão daquele corredor meio escuro, junto a primeira galeria que nestas horas nenhum preso circulava por ali; reunidos aos grupinhos, os maiores das piadas dos guardas do Presídio. Animados esperando o pagamento, nesta tolerância os mais cômicos chacoteavam os outros, direto sem muita pausa, contando sem parar um e outros casos diversos acontecidos na Vila ou em sua redondeza, inclusive nas localidades; alguns colegas pelo que se tem ou deu-me notícia o Pedro, pareciam até atores. E, a espera continuava, lá pelas tantas horas; agora já ia noite alta e, mais casos eram contados, por um e ou outro guarda. A reunião ganha nesta noite um aspecto grave, pois passava-se alimentar casos de: lobisomem, cemitério, ladrão, bandalheiras e outros mais...

---

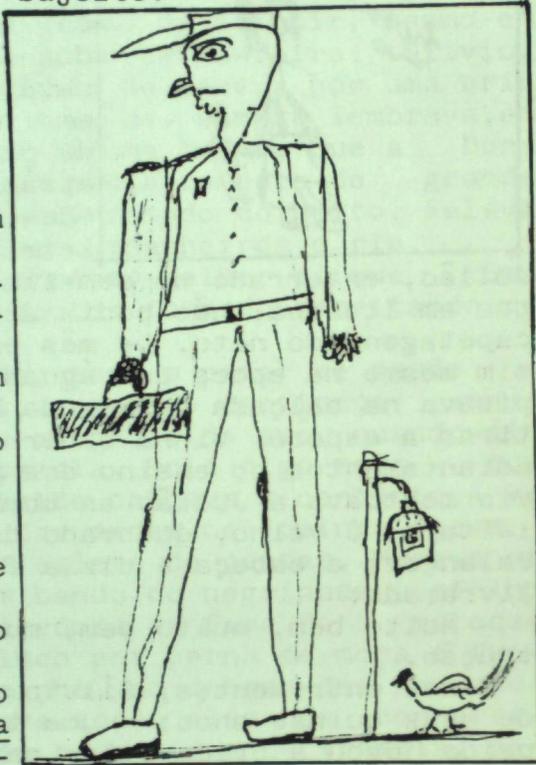
Lá na conversa surgiu, então, entre os guardas um tal de Sílvio que, ninguém sabia dizer de onde, e, nem tão pouco quem era. Era o Sílvio! Muito

de 2004  
bebe

corajoso que entrava e saía em qualquer lugar, qualquer hora da noite; passou a contar a sua vida de infância e adolescência, que teve lá pelas bandas de Itabuna na Bahia.

- Era um guarda atrevido avisava logo de início da conversa que, não era para enfeite que Deus deu-lhe aquela coragem, quando mandou montar aquele Sílvio, como ninguém sabia definir quem era o sujeito.

- Ele mesmo se intitulou "Sílvio de Azeredo Feitura". Era homem em feitio desajeitado, ou seja muito alto, um arranha-céu. Todo mundo já sabia que ele era guarda de ficar um mês e meio no mato procurando preso foragido; dor-



mando nas praias da Ilha Grande de cabo a rabo e nesse meio tempo arrumava por lá alguns desses servicinhos mimoso de rabo de saia. E, contava para elas e todo mundo, que possuía muita terra, no terreiro uns galos de briga e alguns sabiás laranjeiras na gaiola, mestre das maiores cantorias.

- Voltava da praia sem um vintém no bolso; quem tinha como ele dizia -, nunca que seria pobre de tudo! E lá ia o Sílvio de Azeredo Feitura para Bahia carregando a sua mala de roupa suja, (farda de carcereiro), do que tinha honra, contava e fazia alarde do que dizia: "Que herdou do seu avô João Julião Feitura, terras de muitas léguas, gado do mais gordo, pasto do mais fino trato. Na leitura era homem que lia no corrente da vista e até uns ingleses arranhava desde os tempos verdes da infância, que aprendeu com uma mestra da língua enrolada a dez tostões a hora".

- Dizia garganta. Modestia de lado que, "já havia discutido e jogado no chão muito doutores formados, daqueles que ficam no foro. Mas disso não fazia glória, pois era sujeito levado de vai-

dade, fino no trato, de palavra educada. Já havia morrido o antigamente em que Sílvio mandava saber, nos ermos da noite, logo que chegou na Ilha Grande se havia alguns casos de lobisomem a sanar, pois, tinha pronta justiça a ministrar nos arredores das praias, onde costumava andar pegando preso fujão. Só de uma regalia não abria mão naqueles anos todos de pau e cacete, mato e vento na cara de sul a leste: a de falar alto sem freio na língua, sem medir consideração, seja lá em compartimento de desembargador ou em sala de diretor. Tratava as partes com respeito, macio e jeito de gente... Se não recebesse igual tratamento, abria o peito:

- "Seu filho de uma égua que, pensa que é"?

O Sílvio no tempo de moleque: Nas campinas de Itabuna, no debaixo do capotão de seu avô, passou os anos de pequenice, por que pai e mãe perdeu no gosto do primeiro leite. Como fosse da do a fazer garatujações e desabusado de boca, lá num certo inverno dos tempos antigos, Julião coçou a cabeça e estipulou que o neto deveria ser doutor de lei.

Disse o velho Julião:

- "Esse menino tem todo sintoma do povo da política. É invencioneiro e linguarudo".

E, então, para aprimorar tais inclinações de nascença, joga o moleque nas garras da prima Nilda Azeredo, parenta encalhada na prateleira empoeirada, uma



vez que casamento não achou por ser feia de doer e devota de mais, ainda ma

gricela. Morava num lugar de muita chuva, - numa capelinha que mais parecia um oco de coruja, no terreiro de um convento chamado Sossego de Santa Maria, onde só se chegava a pé no cacurute de um murundú, lá só dava presença bicho penado. De noite, era aquela algazarra de lobizomem, pio de coruja, asa de caboré, grito de quero-quero e, outros atrasos dos ermos.

Metida nos livros de devoção, Nilda Azeredo não tinha outra aptidão do que ensinar ao Sílvio sabedoria ligada aos anjos do céu... Saía da prima um cheiro estranho de vela, bafo de fumaça de oratório. De tardinha, - sumia no quarto das devoções, e o moleque ficava na soletração da castilha. Nilda conhecia toda a raça de ventos e para cortar as maldades e miasmas deles possuía reza da maior força. Por mal dos pecados do parente, o que a prima mais apreciava era conversa de assombração, de crianças desbatizadas que morriam sem o benefício da água benta o de herege esquentada em fogueira de frade. Lambia os beijos de cera e ameaçava:

- Criança sem religião acaba no fogo dos hereges.

Os dias do menino Sílvio no Sossego findaram quando foi pegado em delito de senvergonhismo debaixo de uns pés de umbu-do-campo. A pardavasquinha dessa intimidade de mato ganhou dúzia e meia de bolos e o molecote recriminação de fazer um frade de pedra verter lágrima. Julião, sujeito severo, foi de Itabuna ao Rio Grande do Sul aquilatar o grau de safadesa do neto. Levou salavanco de orelha, foi comparado aos cachorros da Vila Dois Rios relata o Sílvio nesta conversa, principalmente aos cachorros do tipo do Amaral do senhor Ribamar que possui as cachorras no mato por uma semana e depois volta para casa lanhado para o vovô cuidar. Seu Julião colocou o menino Sílvio por duas bem contadas semanas em quarto escurado de galés. No rabo dessa justiça, o avô deliberou que ele deveria tomar rumo da cidade:

Disse o avô:

- Nas mãos dos padres eu corto os dedos desse desmazelado.

Atrás da saia da prima Nilda, lá pela uma bela tarde, viajou para o seu novo viver. Como era tempo de muita chuva e frio, dormiu no balanço do trem. Quando deu conta do andado, já a cidadezinha apresentava suas primeiras luzes das casas enfiadas no mato e um povinho apressado corria no debaixo dos guarda-chuvas. O homemzinho das

passagens, aparecido na porta do vagão, avisou:

- Volta-a-a! Volta! Redonda!

Anos se passou no bem-bom da Rua da Mata, em chácara de fruteira e casa avarandada. A prima na devoção dos oratórios e o primo na vadiagem, com enganos de que esmerava no aprendizado das



letras e o que menos Sílvio fazia era aparecer na escola dos frades. Passava semana em velhacaria de pular muro atrás dos bicos-de-lacres e coleirinhos. O avô

Julião, enterrado no sem-fim dos pastos em Itabuna, não podia acompanhar as capetagens do neto. De mês em mês, assim mesmo na época das águas, é que pisava na calçada da Rua da Mata. Sem tirar a espora, vinha saber dos seus adiantamentos no ensino dos padres. Sílvio mostrava a Julião as obrigações de leitura. O velho, quebrado da vista, balançava a cabeça e dizia folheando a livrarada:

- Muito bem, muito bem, muita instrução.

Nesse entretanto, Sílvio já graúdo de seus quinze anos; - uma tosse comprida jogou a prima Nilda na cama, do sofrimento nunca mais teve coragem de sair. Deu de andar encafuada em cobertor, só com o nariz de fora. Aninou ainda mais e num novembro de chuva demorada foi embora na asa de um vento encançado. Uma quinzena vencida, já a parenta bem enterrada e com missa muito bem encomendada em muito altar, ouvia-se o seu tossir doente no quarto do oratório. De cartícal em punho Sílvio ia lá para saber, se fosse o caso, das necessidades da falecida. Talvez precisasse de um carneiro mais aparatoso ou uma trinca de ladainhas em reforço ao seu bem estar lá no céu. Inquirida a visão por duas vezes, como manda a lei dessas ostentações da noite:

- Disse...

- Que penar é esse de tão tardias horas???

Não colhendo resposta, voltava ao goso dos cobertores e deixava que o tossir continuasse por lá.

Certa feita, depressinha o acontecido pulou o muro e lá longe a vizinhança ficou sabendo de que Nilda aparecia no oratório dos Azeredos Feituras da Rua da Mata. Agregado nenhum a par da

penitência, teve mais ânimo de perambular pelos corredores passado a ave-maria.

Até que apareceu a velha Dona Mariquinha, mandada dos confins do Pasto de Eguas, a herança que o avô recebeu mais pasto adentro. Falava o guarda:

- Não sei.

- Que reza de rebite apresentou a velha no recinto da assombração. De pronto, os lamentos perderam as forças e a penitência deixou de existir, mesmo em noite trevosa de sexta-feira. Sílvio, que era perdido da cabeça por uma brincadeira de deboche, sempre lembrava, em presença de alguma tosse, que a Dona Mariquinha possuía remédio de grande valimento ao incômodo do peito. Falava isso para os companheiros e ria.

- É um porrete. Melhor do que uma porção de doutor formado receitando remédio.

Julião deu todo o poder de mando à Mariquinha, negra de confiança, vinda dos tempos apagados do avô, quando ainda era rapazola. Pois digo mais - que aquela amizade calhava a contento. A velha sabia dar ordem na cozinha, governar sala e saleta de jantar. Morava no meio de um bando de negrinhas e afilhadas. Conhecedora da fama do moleque Sílvio maluco por perna de moça e fundo de calcinha, no dobrar das nove horas trancava todas elas nos compartimentos mais protegidos de tramela. Lacrava as portas com esta ponderação severista:

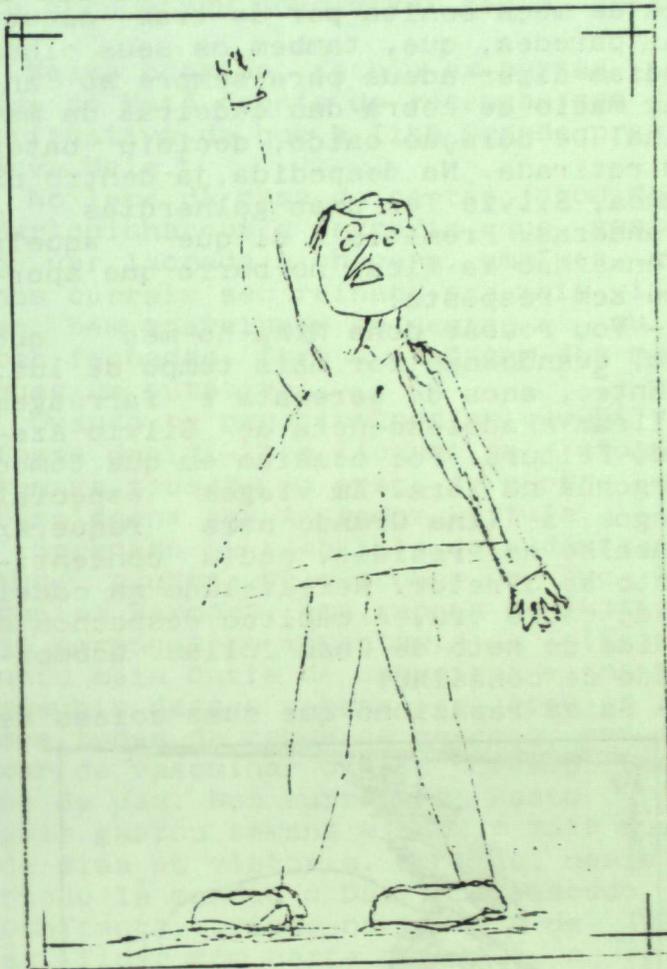
- Cuidado com o menino!

O menino era o Sílvio, um molecote aparentado de gigante, alto, grosso de braço, comprido de perna, conhecido das arruaças e rabo-de-arraia da Rua da Mata, tanto que cursava a patente de posto oficial por imposição de seu avô que desejava abrandar-lhe, aquele gênio estouvado: E, dizia...

- Na tropa de linha ele perde os desaforos, toma tino de gente.

Engano de Julião. Era ele desaparecer de volta aos ermos e o neto cair na pandega do circo do senhor Machado onde via a mocinha de corpo mole dobrada nas argolas, saía dali ia para portas de teatros de revista mexeriqueira. De letra ele nem queria sentir o cheiro. O trabalho que Sílvio mais precisava era o andar na poeira de um bom rabo-de-saia, serviço que, ainda, hoje é de sua especial inclinação. Assim, por causa de um par de tranças de uma tal de dona Nina dos Inocentes, apareceu em Areal do Cabo, cidadezinha criada e amamentada no areal da costa da

Região dos Lagos. Era preciso ter tutano e preparo de coragam para pisar em escondido tão distanciado. Um capitão, seu amigo de vadiagem, garantiu que só pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo Sílvio voltava vivo de lá:



- É a terra mais de bugre que já se viu:

Pelas prendas e esmerada guarnição traseira da menina Nina dos Inocentes lá chegou, em trenzinho de ferro e fundo de canoa: Viu que o amigo capitão não foi enganado no parecer. Arraial do Cabo era bicho-puro-do-mato, sem nenhuma aptidão para a cortesia. O moleque fechou a cara e procurou a moça do seu bem-querer. A beleza dela morava em casa avarandada, com um jardim de bogari que, ainda, hoje tantos anos passados e rolados, remexe em suas lembranças - dizia o guarda contando a sua vida ali naquela noite de pagamento da turma enlouquecida. Mas foi o pai da moça saber, que o neto de Julião ainda na praça, mandou arrumar ligeirinho o baú da donzelice de dona Nina e tratou de escondê-la no fundo, e remeteu-o para o sertão restinguento. Levou a filha e deixou aviso:

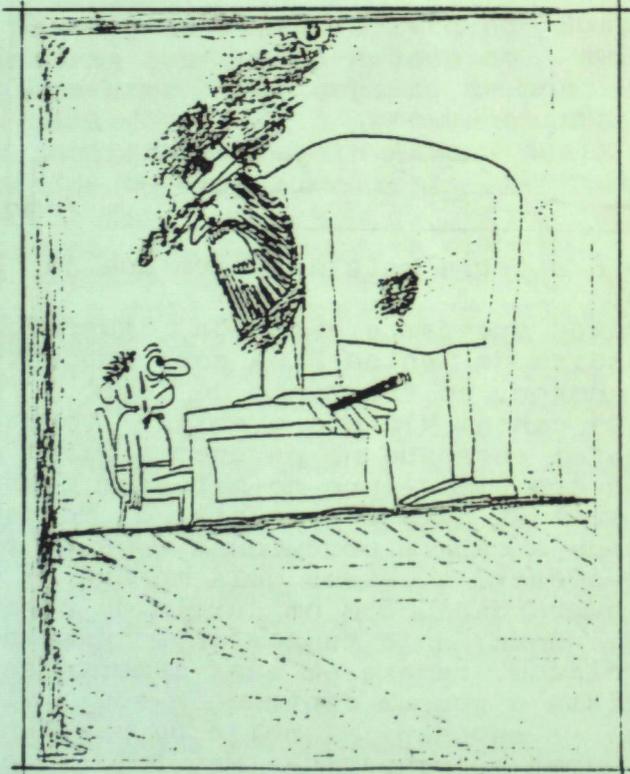
- Esse Sílvio de Azeredo Feitura é ladrão de moça. Fogo nele. É o que recomendo fazer...

Arraial do Cabo trancou as portas na sua cara. De noite, por desgraça, o luar que tocava a varanda de dona Nina dos Inocentes liberou tudo o que havia de cheiro do pé de bogari lá do jardim. Sabia o moleção que não tinha mais traça de moça bonita por de trás daquelas paredes, que, também, os seus olhos podiam dizer adeus para sempre ao andar macio de cobra das cadeiras da menina. De coração caído, decidiu bater em retirada. Na despedida, já dentro da canoa, Silvio fez umas galhardias e grandezas. Prometeu a si que aquela ofensa não ia ficar no barro que aportou sem resposta:

- Vou roubar dona Nina no mês que vem, quando não for mais tempo de lua.

Então, anos de serenata e farreagem poliram a adolescência de Sílvio Azeredo Feitura. Foi ocasião em que tomou vergonha na cara. Em viagem especial chegou à Ilha Grande para requerer trabalho no Presídio, pediu consentimento ao diretor. Refestelado na cadeira de couro cru, o capitão despachou o pedido do neto de João Julião acompanhado de conselho:

- Saiba rapazinho que duas coisas de



principal um guarda de presídio deve ter: Barba, muito e voz grossa. trabalho é obrigação, no mar e na terra.

Em verdade o que firmou o seu pertence no queixo não foi a licença do diretor. Foi Belmira Preta lá do canto do Abraão, dona de pensão de moças desencaminhadas, que perdia hora sobre hora no cafuné da barba de Sílvio. Era barba em gozo que ela dizia:

- Homem que é homem deve ser como o neto do seu João Julião.

Sabia o Sílvio, também, ser piedoso de santo: (São João, São Pedro, Santo Antônio, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora de Fátima, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora Aparecida e outros mais). Em tarde de procissão era o primeiro a aparecer, todo barba brilhosa para puxar andor pelo Abraão. De peito estofado, passava pela Av. Beira-Mar cantando em voz cheia no pau do andor, que com dificuldade cabia na garganta, as cantorias, que aprendera com a prima e os padres no Sossego de Santa Maria. O povinho, sempre olhava e cochichava em fala admirada:

- Lá nos paus do andor vai Sílvio Azeredo Feitura. É aquele barbudo de cabelo acastanhado escuro. Não. Retrucava a outra. É sim! Cabelo preto veludo. Um gato! Olhava a outra de esguealha. Moça já velha encroada de seus quarenta janeiros.

Saía dos compromissos das procissões e de imediato caía, Sílvio, nas conversas de porta de venda e sinuca. As vezes era encontrado cá no botequim do seu Oscar, mas por outras já estava lá no Pernambuco e acabava estacionando no canto da praia, no mesmo lugar de sempre com uns rabo-de-saia. Só Deus sabia do que ele aprontava, até madrugada de estrela-d'alva-alta no céu da Ilha Grande.

Mas foi de supetão que deu baixa nesse viver descuidoso. Uma noite, estando na pagodeira, de serenata armada em varanda de moça dozela, apareceu, esbafofuro, um portador de Itabuna. Padre Melquíades de Azeredo, confessor de Julião, mandava dizer, com palavra de muito pesar, que Deus Nosso Senhor havia posto a mão misericordiosa na doença do seu avô -, curou o velho de uma só vez dos seus incômodos do baço que, andava inchado.

- Morte muito sentida, sim senhor, de verter muita lágrima, sim senhor.

Em pé-de-vento passou no presídio, saiu na Rua do Mato para vestir roupa de enterro.

Cortava o coração de pedra ver Mariquinha, no meio de suas agregadas, carpimentar a morte de Julião. Ficou pregada na cadeira do falecido como se ele lá estivesse em descanso de domingo. Sílvio não aguentou, - teve um repuxo no peito e desarvorado deixou atrás do choro da velha, a promessa de voltar de imediato, para se ocupar logo o lugar do falecido.

De noite, depois do enterro, que foi cerimônia de ser vista e ouvida, jan-

jantou tristeza na mesa larga da peroba de Itabuna. E de pé, no fundo da sala, recebeu o pesar dos currais. A morte do velho desencavou gente que Sílvio nunca viu e até além da meia-noite a varanda da fazenda estava no reboliço das esporas. Na saída da última visita, o Padre Melquíades requisitou a negra de lava-pé. A negrinha trouxe ao reverendo a bacia de prata dos Azereados Feituras, como cabia em tal ocasião. O religioso mergulhou suspiroso as pontas do dedos de ambas as mãos na água de pé e depois as lanchas, e nesse bem estar entrou em sono largo. Nisso Sílvio ficou sozinho e outra vez vi eram as lembranças do seu avô. Como fosse noite adentrada e as corujas vieram fazer agouro de despedida no varandão, também; em depois fez recolher o reverendo ao sossego dos lençóis e por sua vez caiu no travesseiro de paineira. Foi dormir em tristeza e esse acabrunhamento acompanhou seus passos o resto da semana. Rezada missa do sétimo dia, deliberou dar-se início no balanço dos bens deixados de Julião. Era riqueza de avantajado porte, não só em terras como em benfeitorias e dinheiro. Diante de tanta escritura lavrada e papéis de valia, Sílvio torceu a barba e mediu a sala em passos de carcereiro. A verdade é que Sílvio Azereado Feitura era sujeito enricado. Pensou com seus pensamentos aritméticos:

- O guarda de presídio nasceu de vento em popa.

No arremate do inventário, que não teve embargo da justiça, por ser legítimo herdeiro de herança limpa, mandou levantar carneiro de muita religião em comemorativo da memória de seu avô. Fez questão de municiar o túmulo dele com dois anjos de asas bem larga, coisa vistosa, de engrossar a fama do cemitério de Itabuna. O tabelião Willian do Carmo, que cuidou da papelada do cartório, quando a obra ficou pronta teve certa admiração e exclamou um palavrão:

- "Etá caramba!

- Lápide empombada de Julião!"

Acabaram os dias de vadiagem de Sílvio. Tomou respeito. Não só pela herança de boi e pasto, como também pela patente de guarda de presídio da Ilha Grande, que em investidura recebeu do Presidente da República o cargo.

Para bajular-lhe foi comitiva garbosa levar a regalia que lhe cabia. Na ocasião a casa da Rua do Mato ficou cheia semana inteira, do jardim ao pé da laranja-cravo que ficava depois do pomar da chácara do meio, em festa fi-

cou pejada dia e noite de gente. Com tanta glória a disposição, o guarda pensou em casamento, o que era de muito empenho do padre Melquíades. Além do mais, andava ele já nas casas dos trinta anos e seu novo viver pedia costela.

Nessa ocasião, fechou as portas da Rua do Mato depois da recepção, com justificativa de que a Ilha Grande precisava dele.

No leme da casa do sertão jogou dona Mariquinha com a negraria, que gostou de ver lacrada a chácara, uma vez que nos currais seu reinado era mais visto, bem aparelhado de negras e mulatas fechadas, fora a miudagem dos molesques de putativa.

Quando os negócios pediam que, Sílvio fosse decidí-lo e ficasse na cidade, tomava pousada em praça do centro nas estalagens dos Azereados Feitura.

Serenado os trabalhos da mudança, estudou ajudado pelo senhor Dr. Ivo Figueira Barbosa, uma raposa da Justiça, as heranças do inventário de Julião. Reuniu meia dúzia de campeiros e, na companhia desses cabras percorreu as poses todas da cauda ao pescoço, sem deixar de vasculhar o mais desemportante pé de pau. Nos currais do Pasto D'eguas gastou semana e mais e mais dúzia de dias em vistoria. No final desse período lá mandou o Dair, um cascudo de confiança, criado na fazenda de Julião, ficar com carta branca e, a recomendação de não tirar o olho dos mourões das cercas das divisas que anda sozinha, lá das terras da inveja.

### O Décio.

Depois de muito tempo ouvindo, pigarreou lá no canto do saguão e, puxa suas gargantas para mandar uns casos que se deram com siggo aqui na Ilha Grande, naquela época chuvosa passada, luar no meio do céu, du as noites adiante, dizia - saía naquela vasculhação ce mato, ele e o Zaqueu ou o diretor e ele.



Nos matos da Ilha Grande, passado o tempo das águas, começava as tentativas de fuga e a ação de recapturas de prisioneiros

foragidos do Presídio. O Décio, também, muito loroteiro dizia que:

- Ia a frente, ou seja, na testa da volante e o major diretor atrás pelo rastro do prisioneiro caíram na praia do Iguaçu no local das locas; e foram caminhando de noite pelo canto da praia para fazer uma investigação, com tirocínio de que se fosse o caso da lei ou auxílio, a patente estava ali a mão. Quando reparou que do espelho das águas uma canoinha boiava, afirmando as vistas, uma renda esgaçada subia e, era uma respiração forte que vinha das locas de pedra, como um sopro de um furacão fazia aquilo. Vendo esta evolução tratou de ficar numa pedra, o companheiro na outra bem mais atrás, procurou para si uma pedra seca, pensando que o bafo da costeira podia lhe trazer umidade malina. O estreleiro d'água é que não esperou outra providência. Foi sentir outra vez a situação, o major diretor partiu numa corrida morro-a-cima, deixando tudo do mar para trás, subiu sem destino. Lá foi como pode, desensofrido parou num roçado dos caipiras cultivado de mandioca muito distanciado. Nunca se viu tanta brancura derramada nas pedras. O Décio contava que era um véu de noiva que surgiu estendido, de surpresa sobre remessa de lírio-d'água. Na gastura o guarda fica só, perdera o companheiro de trabalho no espanto do perigoso momento que, requeria muita coragem, firmeza no pensamento e dedo no gatilho. Na gostura dessa beleza não via que, distante já de muito tinha deixado a roça fora do alcance da vista e, sua pata afundava em areia da praia. Diante de si, alumiado de ponta a ponta, rolava o mar. Saía o Décio de uma beleza e entrava em outra. Continuava contando: - Aguentei a rédea sozinho, espantado, mas aguentei firme:

- Virgem nossa! Que lugar é este?

Contra a vontade do estreleiro, que teimava em arrepiar, na carreira parou-se junto de um grande pé de amendoeira perto do terreiro da casa do morador da Praia do Iguaçu. A um pulo de sapo a água fazia a limpeza das areias, no vai-lá-vem-cá das marolas. Finca pé de modo a apreciar de perto tamanha imensidão junta. Num luar que vinha subindo bem no meio do céu. Pois foi a batida da botina do seu primeiro passo ranger na areia, novamente advir aquele ronco de tormenta, longe vindo das tocas. Vistoriou o céu no além da copa das árvores e lá brilhavam umas bem contadas milhões de estrelas. Nem fiapo

de nuvem, tudo luar de noite limpa. A arruaça devia ser alguma descarga de rojão da outra volante numa embarcação que, supunha vir pelo costeiramento no trabalho de levantar o fugitivo ali no fundão das locas de pedras. E Décio já preparava brincadeira para receber o velhote Nestor, quando uma ponta de vento assobiou de cobra nas pontas de sua barba debaixo do queixo. Escomungou:

- Vai ventar no inferno!

O estreleiro, que pendia em galho d'água alto, subiu no pico do vento como caiu em coice de mula e lá de cima, no derradeiro corcovo, rinchou feio, como capivara cercada de cão. Contava o Décio, sem orgulho ou soberba que, qualquer um que não tivesse o preparo da volante de Zaqueu Pereira caía no mundo, pelos caminhos do Iguaçu. Décio naquela hora aguentou o rojão e tratou de preparar a defesa na segurança de um tronco de amendoeira. Coçou o pau-de-fogo, que logo respondeu ao seu apelo. O gatilho chegou a pular no contentamento da espoleta. Nisso, do alto da amendoeira, rolou um agouro de corujão, de imediato foi pelo guarda do presídio desconjurado:

O corujão voou.

- Disse o Décio:

- Vai piar nas profundezas dos inferno, cadela de asa!

Foi quando teve um estalo na cabeça, um repente muito próprio de sua natureza de mato. Era bem capaz do carcereiro estar em terra de ururau ou de lobisomem e disso estava naquela hora prevenido, porque no Iguaçu nunca viram nenhum jacaré, lagartão papo amarelo e nem lobo, muito embora sendo a terra do bicho, isso era coisa somente da Vila Dois Rios, onde temporariamente aparecia. Passava por sua cabeça que, talvez essas figurações: (ronco de tormenta e rincho), não passasse de em buste de sua cabeça maluca do ermo dos sertões que revirava sempre na volante. E tanto estava certo, que nova remessa de barulho desta vez em feitio de algazarra de gatos em telhado si pegando no cio, veio vindo da entranha do mar. Do meio da desordem saiu a frase: "Décio, vem cá? Estou aqui te esperando":

- Décio! Décio!

Coisa que nunca apreciei foi essas confianças tomadas com migo, como e sabido por todos os meus companheiros, muito prezo a patente pública e não gosto de ver meu nome envolvido em rolo de intimidade, não dou essa liberdade a preso nenhum. Só que não era

homem de tristeza, e nem de tibieza de ser chamado e desaparecer. Correu no rastro da voz e viu o volante de Zaqueu água-a-dentro, trabuco no ombro e indagação na ponta da língua pesada no beijo; respondeu:

- Quem me chama?

Outra vez, agora do lado da terra, chegou o lamento:

- Décio! Décio!

Quis voltar, mas já era tarde, pregado no fundo da marola estava seu pé, enquanto o luar espichava de não perder mais a sombra dele; Décio da Volante Mestrada na mensidão das águas. Ele fazia as vezes de um gigantão das fadas do mar, a claridade do ermo sempre foi mestre nessas artimanhas e invenções, de figurar um calangro em tamanho natural de uma foca ou tubarão. Avisou de imediato:

- Gosto muito das coisas lindas da noite, mas não gosto de abuso comingo.

Andava Décio com a mania de mirar a própria sombra, e nisso reparou que ela murchava, como sugada por força maior. A bem dizer, o carcereiro esvaiziava, mas logo, sem alarde como é da feição carcereira, alumiu em derredor num redomoinho, o bubulu da água fervia como chaleira em fogo vivo. E Décio cada vez mais atraído, tal qualmente sapo em olho de cobra. Sem ânimo, desventadoso foi indo escorregando em modo de sabonete em rego de bunda em banheira de cachoeira. A carcaça velha do guarda do presídio começava a afundar. A água era morninha, cheirosa igual flor do Chapadão do Perequê. Num arranco, sacudiu o mosquetão fora, foi cair lá na areia seca. Foi quando uma bela peça escamosa deu de roçar a vasoura da barba de Décio que boiava na frente do queixo, sem leme e sem governo do corpo. Sobreveio disso uma frouxidão de todas as suas forças, um esfarinhamento de todo o seu interior. Aí ele ponderou:

- Décio está encantado.

Em verdade, o guarda não decidia mais nada. Nem sentia o barulho do mar, nem o vento da costa no mató da beira da praia do Iguaçu. Tudo escureceu como noite sem luar fosse. Já estava na unha do encanto ele valia menos do que um siri no puçá ou tostão desvalorizado. Achou tudo isso uma falta de respeito que ofendia seu brio funcional. Um carcereiro federal de paten-

te não podia acabar assim em banho-maria sem mostrar a força das armas.

- Já mais!

E numa explosão, tomado de ódio possesso, ajuntado todas as brabezas dos homens do Iguaçu até Dois Rios, ofendeu o encanto e sacudiu a água com tamanha valentia que um mundareu de ondas cresceu da altura das amendoeiras da beira da praia. No amaranhado da briga, água no olho e no ouvido, sentiu ao alcance das mãos aquele leque do rabo que tanto desfazia da sua barba. Não perdeu a ocasião, lesto igual bote de onça em pato d'água, avançou os dedos pelos regos escorregadios das escamas até encontrar uma curvinha labiosa parecendo uma boca fervente de desejo bem depiladinhos, só existia feixes de escamas e em região muito lisa crucial. Não tinha tempo a perder; tinha que aproveitar tudo daquela noite, então, Décio meteu os dedos da mão direita lá dentro da queia linda boquinha que pedia uma siririca para ela que se encontrava naquele estado de graça. Se o guarda tinha de morrer, não ia afogar solteiro.

- Levava tudo para as profundezas do mar.

Ainda mais, com toda verdade que esse procedimento foi feito de sua valentia. Fez do punho torniquete e espremeu a presa como quem espreme carneção que do contrário ela não queria mais largá-lo. Quanto mais apertava, mais a vista do guarda clareava longe a salvo das dormências e feitiços. Fosse lá o que fosse, leão-marinho, ururau ou lobilomem, não recebia alvará de soltura. Ficou tão senhor da guerra que cantou marra.

- Conheceu filha-da-puta!

Braço de Décio não é sabonete que derrete na água!

O vozeirão da sua falação sacudiu o descampado lá para os lados da Casa Grande da Enseada das Estrelas. A costa, de cabo a rabo, veio apreciar a luta: bichos da noite e estrelas do céu. A água entrou em calma e o vento recolheu seus assobios. O que fosse estava bem guardado no cativeiro do seu braço e podia

trazer se desejasse de pés suspensos para o cativeiro da masmorra no presídio. Podia o dito cujo soltar borburlha pelo anus ou pela goela, mas sair de navegação solta por aí é que não ia mesmo, nem com papel do decreto do go-



governo, nem com sentença do juiz. Novamente, como medida de pouco caso gritou:

- Tomou filha-da-puta!

Foi nessa especial circunstância que Décio teve o seu maior espanto daqueles anos todos de mato, praia e vento na cara. Saído sem saber de onde, veio vindo aquela cantoria mimosa, que parecia nascida da garganta dos anjos mais afinados. O coração de Décio logo pulou de saudade da Igreja do Abraão curtindo a voz do coral aos domingos de missa. E antes que outro quebranto viesse, suspendeu o prisioneiro fora d'água da onda, na altura do peito. E na presença do luar apareceu aquele rosto de belezas, cabelos pretos pingando água e boca cheirosa chamando por ele:

- Décio, Décio...

Mans para seu desgosto aquele corpo arrematava em rabo de peixe. Era uma se reia.

A notícia mais tarde espalhará-se, pelas praias do lado de lá, Abraão e Vila Dois Rios dando conta de que, o guarda da Volante abusou e desabusou de uma sereia na Praia do Iguazú. E que o abuso era das partes de cima, porque as de baixo achava que não tinha serventia, eram escamosas e além disso escorregadias igual sabonete em pele de moça. Como justificativa apresentou defesa de que quem nunca lidou com povo encantado das águas é que, não pode dar andamento a um desbaltério desse porte. Nunca Décio quis tomar responsabilidade com as moças do mar, embora fosse elas providas de um par de peito roliços do maior agrado do guarda, coisa vistosa de não caber nas duas mãos juntas. Como estava em tarefa de missão do diretor, na investigação de preso foragido do presídio, ficou este cãso dentro dos regulamentos e estipulações das diligências. Foi respeitoso no trato com o bicho. Sem rompante ou deboche, explicou depois na comunicação que fez às autoridades, apresentou conselhos e ponderações. E ainda teve o atrevimento de dizer que perguntou a moça desse encontro, se fosse sereia, bem podia desencantar, que o Décio aqui fora, arrumava casamento de bom do te para a sua pessoa. E se fosse peixe nascido das águas, de rabo e escama, podia seguir viagem na santa paz de São Pedro padroeiro das águas.

- É vossa magestade escolher ou largar.

Acabada a aconselhagem, elogiou as cantorias dela:

- Estou ainda de ver garganta mais

educada.

Depois dessa prosa, em braço carinhoso arrastou a cativa para o seco para aproveitar mais um pouquinho, o rabo ficou em bacia d'água do mar, como é de lei das sereias. O restante que é a parte melhor, calhou de acomodar todinho no colo do guarda, com a moça atingida de paixão.

Depois dessas contação de casos, e, o pagamento está bastante adiantado, começa uma longa turra entre o Décio e o Sílvio, coisa assim de testar quem tinha mais coragem, para enfrentar situações: como a de estar ali mesmo no presídio que, sabiam ter sido construído o prédio da prisão, encima de um cemitério. Os casos quase todos em dissertação passam a girar em torno de história de assombração e com a hora aprazada ajuda horrorizar todo o cenário. Afirmava-se que por motivo da construção da prisão mudaram os sepultamentos para a junção das cachoeiras numa região mais além, no outro lado do rio que, nasce das fontes no sope da montanha ao sul da Vila, pouco mais acima da planície. Originou-se o Cemitério da época.

Exatamente nessa subidinha da montanha começou-se a plantar gente morta, aqui e acolá, acolchoando morro-acima, fugindo num alastramento de cruzeiros, do barro de telha da planície. Surgiu mais tarde a ante-entrada do cemitério na encruzilhada, onde foi fincado um grande cabo de lança quebrado em três porções, apontando a entrada, o início e o fim do cemitério, hoje, abandonado sob a vegetação. Cabe dizer que os tijolos fabricados na olaria da cadéia, costumava contar os mais antigos moradores, hoje falecidos, e alguns prisioneiros também, que eram amaldiçoados porque o barro ou seja a argila, era retirada do cemitério até bom tempo, depois, mais tarde é que deixaram de usar o argila e passaram a fabricar com o barro vermelho em seu lugar por motivo dessa maldição.

Naquela noite por ser o Décio o mais indiscreto do grupo de guardas, segurou a rédea da palestra e falou pela boca dos outros e fez uma aposta de que o seu companheiro de serviço o Sílvio não possuía tanta coragem. E o guarda Sílvio para ganhar a aposta foi ao ce-

cemitério e trouxe uma cabeça humana até a presença dele e dos que ali estavam. E com isso o Décio perde a aposta e teve que pagá-la. E, conseqüentemente ele, o Pedro e o Waldemar, não tiveram mais a coragem de andar sozinhos a noite por um bom tempo; ficaram assombrados com a cena macabra presenciada na noite do pagamento e, plasmos quase sem ação até para as viagens noturnas ao Abraão, individuais, mesmo sendo de carro passaram a formar dupla ante o medo. O motorista se mostrou assombrado, por este motivo, se fez acompanhar pelo Pedro para levar o condutor do expediente, necessitava regressar na mesma madrugada ao Abraão.

Conta-se que depois de fazer a referida aposta o Sílvio foi ao Cemitério, - no caminho um dialogo foi travado entre ele e um lobisomem que naquela noite parecia ter sido tomado logo na saída do prédio para o pátio de areia nos fundos do presídio.

- Dizia a voz, faz cem anos que aqui estou, aprendi sabedoria e tenho tornado contente alguns homens de sua coragem, que sabem bem, que a alma é um peso invisível que não dorme, não tem fome, nem sede, nem dor, nem riso. Passeio na cadeia; dentro deste cêrro da Vila Dois Rios, ando sem parar e sem cansaço. Piso com pés vagarosos, piso torrões de rocha que transformo as em ouro em pó, que se desfazem como terra fofa fossem; e eu olho para tudo, e não gosei nada entre os homens, quando piso neste areião deste pátio calco lá no fundo pedras a sete metros: verdes, amarelas, escarlates, azuis, rosadas e violetas; quando termino de passar, todas incendeiam-se num iris de cores rebrihantes, como se cada uma fosse uma brasa viva faiscando sem a mais leve cinza. Lá depois do estábulo há poços largos que estão atulhados de peças de joias e armaduras, formando depósito de dobrões e onças de ouro maciço vindos das Possessões Espanholas, tudo, tudo cunhado com a insígnia dos senhores reais do século XVIII. Olho para tudo enfarado de ter tanto e não poder gosar nada aqui na terra entre os homens como quando era como vocês. Perdi tudo para eles que, gemiam no mundo livre necessidades e, cuspiam invejas, tendo maldade demais foram passados para trás das grades, porcarias subtraídas o que não possuíam. O trabalho que hoje me aprisiona consente, que eu acompanhe os homens de alma forte como você Sílvio Azeredo Feitura.

E aquele toquinho ia ao lado dele prosando:



- Muitos têm visto-me saído lá longe, andar pelo povoado da Vila, assustando gente consideradas loucas ou pelas matas fazendo vida com os bichos brutos. Os medrosos irão morrer de medo aqui sentados. Poucos toparam uma aposta como você fez. Há! Mas esses que toparam, tiveram o que pediram. O carcereiro foi andando. A luz do olho do bicho ia na mesma direção, como se fosse vaga-lume na mesma cor, esverdeada e amarelada... atingiu um lançante lamento e ao fim dele parou num redondel topetado de ossamentos de criaturas humanas. Esqueletos, de pé, encostados uns nos outros, muitos, derreados como numa preguiça; pelo chão, caídas, partes deles, despencadas, caveiras soltas, dentes branqueando, tampos de cabeças, buracos de olhos; pernas e pés em passo de dança, alcatras e costelas meneando - se num vagar compassado, outras em saracoteios... Sílvio teve um impulso.

Aí o seu braço direito quase moveu-se acima, para fazer o sinal da cruz. ... porém - era as sete provas da Vila Dois Rios, que a cova dos tesouros do lobisomen encantado, não permite negar o que promete, deu-lhe a cabeça da caveira, nem retoma o que dá! Nem desmente.

- E, todos os que chegam no cemitério a meia-noite deixam um resgate de si próprio para o livramento um dia - das almas do purgatório - dizia a voz.

- Mas todos os que vieram são alta-neiros e vieram aqui ao cemitério arrastados pela ânsia da cobiça ou dos vícios, ou dos ódios que carregam: tu Sílvio foste o único que veio sem pensar e o único que nos saudou como fi-

filho de Deus...

- Foste o primeiro, até agora; quando uma terceira saudação de cristão ba fejar estas alturas, o meu encantamento cessará, porque eu estou arrependido. E como o seu colega Décio não pode vir e nenhum outro. Veio você como se fosse Pedro, o Pedro Após tolo que, três vezes negou Cristo e foi perdoado eu também, estou arrependido e serei perdoado? - Perguntou a voz. E disse:

- Está escrito que a salvação há de vir assim; e por bem de mim, quando o terceiro cristão saldar o meu esqueleto, o meu sofrimento cessará também do seu encantamento, e desencarnará do homem na terra -, e quando isso se der o lobisomem desaparecerá da Vila, e todas as riquezas, todas as pedras finas, todas as peças cunhadas, todos os sortilégios, todas as cabeças de burros enterradas em terras de Vila Dois Rios a força... para matar conforme me mataram naquela prisão... para vencer. Tudo, tudo, tudo se virará em fumaça que há de sair pela cabeça, no rôto do Cêro, espalhada na rota dos ventos que serão muitos e, eternamente nesta Colônia Penal, eternamente desaparecerão no roçar dos ventos pela rota dos tesouros...

- Tu Sílvio me saudaste - o primeiro tu! - Saudaste-me como cristão.

- Pois bem: carcereiro de alma forte vai!... Quem isso tem, entra e ao sair toca o sino deste cemitério afixado na Portaria, na Cruz das Almas. Badalava o sino da torre para a passagem - da meia-noite... pela primeira vez não foi ninguém que tocava; seria um dos ventos na saída da caveira do cemitério. Que, pulou neste momento mais do que depressa no ombro esquerdo do Sílvio Azeredo Feitura.

Nesse instante a mão direita de Sílvio, outra vez andou para fazer o "Pelo Sinal"... e parou, pesada como chumbo; quis rezar um "Credo", e a lembrança dele recuar veio-lhe a cabeça; e voltar seria a melhor solução, pois já estava na sepultura 213, correr e mostrar o

Santíssimo... e trazer o sino em dobre



... e chamar o padre superior, tudo para esconjurar aquela obra do inferno ... e nada fez... nada fez, sem força na vontade, nada fez... nada fez, sem governo no corpo!..

E foi andando, como levado para demais perto ver, e não perder de ver o espantoso ritual dos ossos, foi quando o Sílvio tremeu e correu para voltar à cadeia dos presos vivos. Saiu pelo meio do cemitério, por detrás do cruzeiro central, e desatinado, derrubou muitas cruzes, pisoteou ramos de flores, calcou sepulturas...

Quando retornou ao presídio, todos os guardas estavam no saguão central; por isso ninguém percebeu a sua entrada cá na potaria.

O carcereiro entrou de meio galope, já no que veio.

Pelo caminho o chão ia a sua frente alteando-se, leva uma topada forte num topetado, que ele venceu sem olhar pra trás e, sem aumentar a respiração; e num desvão de uma tumba, ao modo dum forno, teve de passar de passar como passagem obrigatória, e aí dentro era um fogo de línguas de labaredas, verme-

lha e forte, como atizado com lenha de fofalha do forno da padaria do presídido e, saídos das paredes da passagem que abriu na terra como trincheira, repuxos d'água batiam no Sílvio e referviam, chiando, fazendo vapor; um ventarrão rondava ali por dentro, enovelando as águas e fogos, que era uma temeridade de cortar aquele tubilhão... na imensidão que ia por-de-baixo do rio, onde foi naquele momento aberta numa passagem subterrânea, se fechando logo depois da travessia onde está guardado na profundeza toda a riqueza de diamante, ouro e prata saqueada e não transportada pelos criminosos, mais tarde mortos no "pau" da opressão, antes da metade do século, sem revelar o lugar exato do cafofo:

Sílvio meteu o peito e passou naquela língua de fogo, sentindo o mormaço das labaredas. A porta se fechou na sua costas até que outro lobisomem saia de lá para buscar novamente outro ser humano e dar-lhe mais um crédito de salvação. Pois ao todo são necessário três saudações para o livramento eterno das almas entrincheiradas, guardando o que antes eram seus... E se transformou na grande maldição desta Vila Dois Rios.

O sacristão levantou-se e o seu corpo desfez-se em sombra de gente. O silêncio que era parado então se desdobrou, quebrado num vôo das corujas. Medido no medo... e horror o carcereiro começou a correr. Entrou na boca da pontezinha de travessia da cachoeira, onde apenas uma luz ia clareando e isso pouco, por causa da eredição da ramaria que se cruzava na saída dela; para a frente era tudo noite..., no escuro só sentia mãos de gente, sem gente que o Sílvio pudesse ver, batiam-lhe no ombro e costas.

Na encruzilhada onde estava o cabo de lança quebrado em três fincado, sentiu ruído de ferros que se chocavam, tinir de muitas espadas, seu conhecido sexto sentido atentou... Por entre o escuro ia já mudando num luzir de vagalume. E, grupos de sombras com feitio de homens peleavam de morte; nem pragas nem fuzilar de olhos raivosos, porém furiosos eram os golpes que elas iam tallhando umas nas outras, no silêncio.

O carcereiro teve um relance de parada, mas atentou logo no dizer de um vulto de face branca muito branca e tristonha; próxima a casa de visita dos internos (CVI), meteu o peito por entre o espinheiro das espadas, sentiu o corte delas, o fino das pontas, o redon-

do dos corpos... mas passou, sem nem olhar aos lados, num entorno escutando porém choros e gemidos dos peledores.

Mãos mais leves bateram-lhe no ombro como carinhosas e satisfeitas. Outro ruído nenhum mais ouvira, ele no ar quieto sentia o rangido compassado de suas próprias botas.

O Sílvio passando pelo estábulo, próximo a muralha da prisão, correndo, numa luz macia que não dava sombra, formando corredor, rumo a entrada da penitenciária; e ao desembocar do em que vinha, justo nos calcanhares dele saltaram-lhe aos lados caixão cabeludo e grunhido, meteu o peito e passou, sentindo a cerda dura dos esquifes roçarem-lhe o corpo; passou com pressa escutando os urros que para trás iam ficando e morendo num eco surdo no fim da encosta...

O Sílvio foi entrando no prédio. Agora era uma entrada e ao final dela parou num relancear dolhos querendo ver sem acreditar que, o que viam era uma cabeça humana (uma CAVEIRA) no ombro esquerdo do homem, desenterrada não se sabia por quem naquele momento e o fedor tomava conta; olhos vermelhos, famintos e languidos do Sílvio, ainda oscilava com a CAVEIRA, cujo, havia perdido ali mesmo a maior parte dos dentes, que caíam no movimento, ainda caíndo restavam as orelhas e um pouco do cabelo, e mais outras observações, narra-me assim mesmo o Senhor Pedro, morador antigo desta Vila Dois Rios.

- Em decomposição pleno conforme se observa, o crânio foi depositado pelo Sílvio no quarto degrau da escada do meio da primeira galeria. Como era grande o susto dos carcereiros presentes e fugindo do saguão, esconjurando, encruzando-si com a mão que se diz de fechar o corpo contra as perdições do outro mundo.

Num repente o guarda do ritual desandou a saltar no meio do círculo formado no largo da galeria, com irresistível força, dançou numa perna só, e ninguém mais suportou, nem se aproximou da fedentina do homem imundo: suado, espumado, feitio de cachaço, com a caveira ao alto da cabeça e ainda maquejava e erigia a frente para beijá-la como se fosse um lindo rosto de donzela.

Numa repúdia saiu a devolver o crânio ao seu verdadeiro dono no cemitério, houve neste instante quem disse - um vagabundo morto outro dia, um ano e pouco, no fundo da masmorra, hoje o Sílvio trás-me o nesse ritual de APOSTA, para se mostrar corajoso. Ele saiu

da penitenciária movido por enérgica coragem que nunca teve igual.

Naquele dia foi capaz de entrar na necrópole para buscar e levar seu Trofeu de Aposto. Entrou desta vez pelo aceiro esquerdo, percorreu toda a coivara até ao mesmo local donde havia retirado o crânio semi-decomposto do túmulo. Segundo a descrição que me foi feita nessa hitória.

O carcereiro percorreu do alto para baixo, e no portão da frente ganha a saída, que era mantida constantemente, fechada com o portão pregado. Era um pregado de tábuas rústicas. Com algumas marretadas arrancou as duas pranchas e abriu um buraco no meio. Penetrou nessa abertura da porteira.

Era a porteira das almas. Quem passava por ali tinha que ter pressa, toda pressa do mundo dos vivos, correndo e com o medo o cabelo eriçou de um arrepio só; deu os seus primeiros arranços de vota, mas nada de mover-se, os olhos arregalados não via nada na escuridão, e neste instante olhos famintos e vermelhos lhe surgiu de todos os lados: gemidos, rangidos, bafos, gritos da dor, quebra de ossos e estalidos.

Querendo correr cadê pernas? Apenas se debatia, estava quase sobre a cachoeira e bem no caminho o portão segurava o guarda, e segurava; de um lado os pregos e no outro o martelo, marreta que parecia uma "sexta-feira" de cinquenta quilos, - ao lançar-se no espaço das tábuas arrancadas do portão do cemitério, sentiu tudo ali, mãos agarrando sua roupa, pregando novamente as tábuas, bateu pregos de qualquer jeito, foi quando sentiu que mãos prendia-o ali na Porteira das Almas. Urrou, urrou, urrou e gritou: "larga eu, larga, cambada", e urrou... até a língua pendurar fora da boca, caída no peito. Não conseguindo se prender durante alguns bons vinte minu

tos. Derrepente a farda ficou - a túnica saiu pelos braços como fosse casca de banana, pedaços da calça ficara lá pregados no portão do cemitério, e o Sílvio desceu desembestado, adentrou na Inspetoria com tudo que tinha de pelo do como Deus o colocou no mundo, gritando-se de medo. Nunca mais quis saber de bravatas.

Ao amanhecer o Sílvio estava roxo diminuído no canto da cama do João Macumba no alojamento da Inspetoria de Guardas, sem fala e sem olho para o mundo, com medo de olhar ao redor de si.

O comentário correu geral na Vila e a investigação em torno do acontecido,



teveo seu início.

O maior diretor formou uma comissão

e manda apurar.

A Comissão apurou-se que naquela noite do pagamento dos guardas o Sívio e o Décio haviam feito uma aposta, que terminou transformando a brincadeira em momentos de horror na Vila Dois Rios, logo após o pagamento. Antes da tarde do dia seguinte já se tinha o resultado trazido pela boca dos zeladores do cemitério. Haviam encontrado as roupas do guarda, pregadas no portão do cemitério.

#### Agradecimentos:

Ao senhor Pedro dos Santos, morador da Rua Espírito Santo, nesta Vila Dois Rios. Quero agradecer, por ter em momento tão feliz trazido a palavra, que me entregou, para que dela pudesse fazer um ou vários textos.

Foi mais uma história escrita de casos antigos que se passaram na Vila Dois Rios, que foi em boa hora lembrada por você em alguns detalhes, e foi, o que possibilitou escrever da forma como você acabou de ler.

Construindo diversos ambientes, num desses procurei dar consistência ao cemitério da Colônia Penal, onde criou-se um mito que o antigo morador da Vila, cujo, alguns fizemos amizades mais tarde, gostavam de lembrar contando casos de assombração entre eles o da mula-sem-cabeça, lobisomem e etc. o que serviu de base à retórica.

Com certeza serão reproduzidos outros tirados das nossas digressões, que surgem quasa sempre assim na aragem da tarde ou numa hora de descontração kavadca, já que a Vila passa por uma mudança social dificultada na raiz do relembrar casos de ontem.

O ontem enriquecem a história de nossa comunidade, desgastada com a infiltração do dia-adia, mesmo assim você ajudou continuar no objetivo deste jornalco, que é o resgate, até quando viveres: registrando o cotidiano. Espero que outros, também, colaborassem enquanto é tempo. Como o senhor fez. Até mesmo por que temos pessoas em nosso meio de boa inclinação às letras, o que seria útil fazer uso.

Meu. Mais uma vez, muito obrigado, agradeço a oportunidade que me deste no relato da nossa história quase apagada por um lapso de algumas gerações que,

neste momento está chegando ao fim com pouco ou quase nada escrito.

Agradecimento ao Décio Lindolfo de Oliveira, morador da Vila Abraão:

Que nesta história recebeu um outro nome, e um duplo papel, definido e amoldado. cujo, na abordagem nada disso se negou e foi sincero afirmar que de fato pagou a aposta da brincadeira que fez com o Sívio na galeria no dia de pagamento daquele ano - risos. E se lembra até hoje desta passagem em sua vida de companheirismo no presídio da Ilha Grande.

Não há dúvida de que foi você uma das mais notáveis expressões cômicas entre os guardas do presídio da época. Há mesmo quem afirme, na Vila Dois Rios, que tu só não utrapassou Sívio, assim sendo o segundo personagem da história. Estes conceitos vêm a propósito de novo registro real e ficcional, fruto de muita participação, da qual, até certo ponto posso dizer que testemunhei através dos tempos. Trata-se da integração do guarda no Presídio da Ilha Grande - a história que lembra no Décio: - O perfil perdido, de autoria do morador, do companheiro que o escreve, do orador e testemunho Pedro dos Santos.

O tema nesta história é por excelência sul-realismo, com a apresentação do seu personagem, que saiu, do berço em Itabuna, em suma da Bahia, e vem enriquecer sobremaneira a Volante de Zaqueu, rastreador que está na boca do antigo guarda de presídio da Ilha Grande de 1950 e anos subseqüentes, na Vila Dois Rios, onde hoje se pode ver a total destruição da implosão que marca o acontecimento, nas fimbrias do Bairro que se transforma.

Autor de lindas caçadas de presos, noitadas nas praias, no mato, volantes, diligências, recapturas e recolhimentos de presos, tinha Décio a flor da pele poderosa veia carcereira, forte e lento de disciplina funcional, responsável pela atribuição popular de vasto anedotário, salpicado de obscenidades que deram afeição pupularesca a seu nome na ficção.

## Agradecimentos ao Silvio:

A este agente faltou um estudo profundo. Por isso deixo de fazer um relato à pessoa não identificada e expresse-me, apenas, ao personagem.

Aí vem o avô materno do personagem "Silvio de Azeredo Feitura" - foi aquele; um astuto fazendeiro baiano. "João Julião Feitura" - que havia de incultir pesadas culturas ao neto, que remeteu muito cedo ao Sul, depois ao Sudeste do país, este invadiu o Rio de Janeiro e dominou a Ilha Grande. O episódio do Norte do Estado foi uma vingança do jovem Feitura pelo misterioso encanto da menina Nina dos Inocentes.

Esse vazio na vida, Silvio carregou e nunca foi preenchido. O romance nunca foi esclarecido. Na versão fantasiosa da vida amorosa, entrou amor, entrou e cafuné.

No trabalho, o relator dá conta de que existiu uma pessoa com este nome, verdadeiramente profissional. Silvio, abala posições superiores tradicionais sobre imediatos, que foi árcade, pelo que adotou o nome da família "Feitura", mas também um patriarca. O inventário sobre a fazenda em que nasceu Silvio é uma mostra da seriedade deste país, que valoriza a profissão de guarda de presídio atual Agente Penitenciário.

A leitura suscita uma intimidade aní

mica e orgânica com o povo e seu tempo com sua gente, com seu avô e a urbana Itabuna e o sertão orgulhoso.

Lógico eu achei motivos para tudo isto. Se Silvio foi uma pessoa é um personagem simples da Vila Dois Rios, que possa definir o perfil do viladoisriose, com sua veia matuta e seu talento de carisma e de um tanto poeta momentâneo, mas também um cultor da linguagem rural.

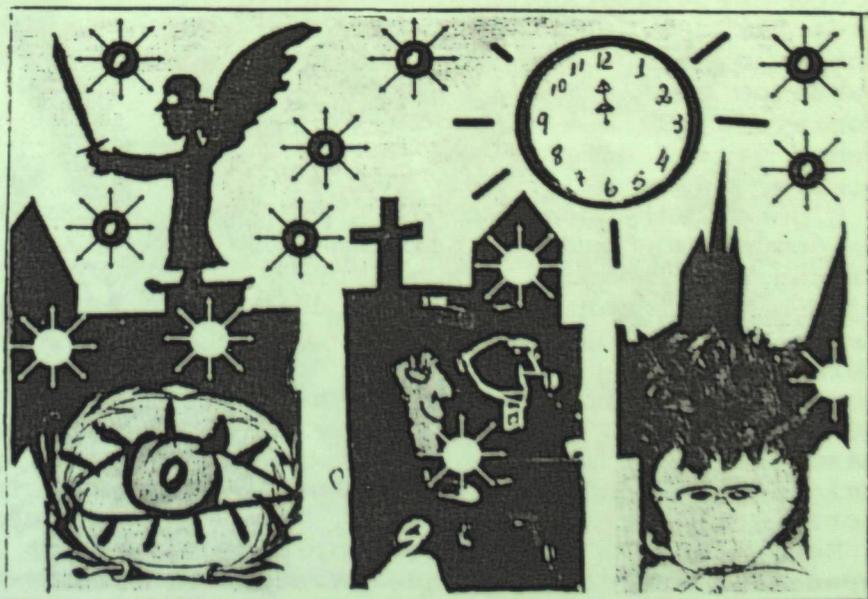
Era um devoto e um boêmio de vida dissipada e dissoluta. Rico, pobre e infeliz no amor, fazia versos libertinos de nostalgia a vazio deixado pela Nina e cântico popular de religiosidade.

O personagem traça na vida de Silvio de Azeredo Feitura o retrato do avô - passagem no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e fuga e retorno a Ilha Grande. Seu perfil foi complicado como complicados foram os anos da sua adolescência em o acontecimento intitulado "Conto do Cemitério", fato ocorrido na Vila Dois Rios no meado dos anos sessenta em, especialmente, no interior do Presídio onde o impacto foi maior, o elenco era formado por guardas, que amavam tanto a revolução, que até a história revolucionaram nas décadas de 50 e 60, onde vamos constatemente buscar informação.

O tempo passa de olho aberto e,  
a gente fica esperando a hora  
do cemitério.

Escrevendo aquela história do Silvioinho de tempo, alguns arrasados, outros

e do Decio sobre o Cemitério. Achei bonito, emocionante e muito engraçada também por causa dos depoimentos das pessoas, pela falta de papas na língua e pela inteligência brilhante de alguns protagonistas, enfim, pelos personagens anárquicos que os guardas eram. Mas uma coisa me impressionou: como morreu gente de lá pra cá! Gente que ainda estaria moça, gente que estaria velha, contando tudo, dá uns trezentos. Alguns se foram de morte natural, outros tragicamente. Voltando novamente ao Movimento de Susto Subversivo, bala e acidente de trânsito, tudo isso junto, ao mesmo tempo. Marca a Geração Inquieta, que gostava de riscos. Muitos eu nem esperava ver neste pedaci-



chorando e outros contando causos, do

de outrora ali na minha frente. Foi de rebentar! Além de guardas ver meus amigos ex-policiais, ex-chefes de seção, falando de outros já mortos, claro. Ai meus amigos que se vê, o peso que dá no coração, a gente morre né! E o tempo passa! Fazer o quê? - Rezar por almas. Mas nesses momentos a gente vê muitos companheiros de trabalho que se foram. Dá uma sensação esquisita.

- É idade - dizia meu velho conhecido aos 50 anos e pouco, e prosseguiu dizendo: "Todo dia agora eu tenho que ir ao cemitério. Quando chego os zeladores que têm fama de coveiros já me cumprimenta. Opa chefe! Estamos virando íntimos".

Quando ele contou esta história nós estávamos em pleno andamento do serviço de diligência na praia da Enseada das Estrelas. O senhor Rubens desdendo falava brincando, lá com suas manias, que a gente era guardinha e, achava que guarda mesmo era eles os federais da cadeia.

Gente da minha idade achava que isso só acontecia com meu amigo!

- Meus queridos amigos, não imagina! Nós eramos jovens e imaginávamos que eramos eternos. Isso de morrer, ficar velho, ficava para os outros.

Uma vez eu tinha 40 anos, quando um amigo do meu companheiro da turma sete meia ou seja - um sete meia - me falou depois de várias conversas...

A conversa, então, parou, meu ouvido estalou, meu sentido redobrou. Como? Quis eu perguntar. "Era?" Meu Deus, na época que ele se referia só tinha 30 anos! Na turma eu tinha um não sei quantos, não era tão longe assim...

Não tenho nem tinha esses grilos de idade, muito menos naquela época, mas 30 anos, puxa! Meu camarada! Até Modinha dava força aos guardas dessa idade dos trinta, que acabou ganhando um apelido moderno "guarda-novo", e viramos guardinha de cadeia mestrados pelos os mais velhos. Tinha até uma musiquinha de carnaval, que o povo cantava quando era tempo nos bailes do Clube "cassino". "Guarda antigo já dizia... A plateia inteira repetia: O guarda já deu na pinta! Guarda mesmo só depois dos 30"! Pois agora parece que Guarda Antigo não está com nada. Quem faz sucesso são os guardas de 25 a 30 anos outra vez. Guardas Novos... Jovens, rapazes... Os acima disso já fazem papel de chefe... Nós que amávamos tanto o Agente da Revolução, até isso revolucionamos nas décadas de 60 e 70. Uma das

condições dos guardas neo-colonial era não mentir a realidade. Porque hoje, todos pagam mico, escondendo ou fazendo vista-grossa à verdade, na realidade, a idade do indivíduo é outra muito mais próxima ao cemitério. Meu amigo não via só a idade dele como a nossa, minha e tua.

Uma vez, numa viagem de barca, quando eu já tinha um ano de serviço e meu parceiro de diligência de uns anos a mais, tomávamos café no deck, quando ouvi meu amigo responder a um antigo que perguntou nosso tempo de casa:

- Um e um e um dia.

E o antigão, espantadíssimo perguntou emendando:

- E já tem essa liberdade?

Numa outra vez, meu amigo teve uma crise de nervos, parece, e o meu encarregado de turma chamou o Plantonista Médico. Meu amigo estava sufocado, quase à morte, sem poder falar. O médico examinou-o e achou que a coisa era séria. Eu rezava um credo por ele num canto quando ouvi o médico perguntar:

- Quantos anos ele tem?

O encarregado respondeu:

- Trinta e nove ou quarenta.

Imediatamente, meu amigo balançou o dedo e falou com uma voz viva:

- Trinta e nove não. Vinte e nove!

Aquela geração não.

- Tinha que ser verdadeira até na hora da morte. Mentir era caso de morte. A idade era um caráter sério ao ensino da época. Naquela época, morrer, tudo bem... o cemitério estava ali mesmo bem cuidado aos caprichos dos mais velhos que tratava aquilo como fosse a sua última morada. Agora é que tá ficando um pouco difícil morar lá depois da morte, porque, morre, mal enterra, já esta arrancando o sujeito e mudando de lugar. Mas se alguém me vir trocando a idade, por favor, chame a atenção pelo mico. Se bem que hoje em dia já não sou mais radical ao liberal... Quem quiser que seja, ponha vista grossa, faça de conta que... trambique, tramar a morte, plante bananeira como quiser na porta do cemitério. Como muitos aí têm feito, diga que tem coragem de dar tiro, eu acho ótimo. Agora bom mesmo seria se o fato de morrer fizesse com que as pessoas vivessem mais. Por que não é fácil ver aquela quantidade de amigos que se foi. Difícil encarar. Só se espiritualizando cada vez mais, entrando em sintonia com o Eu Superior, fazendo muito pelo sinal! Pela morte dos outros.

Além disso tudo, o melhor mesmo é continuar achando que isso não acontece com a gente, como o meu amigo, que tinha quase a minha idade, passando uma vez pela porta do cemitério com destino à guarita que ficava no canto de lá na aba da montanha, bem mais pelo meio do mato; arriscou acender um cigarro continental que fumava e perguntou pitando:

- O que quer dizer - fogo no pé do cruzheiro? Olhando as velas acesas.

Respondi:

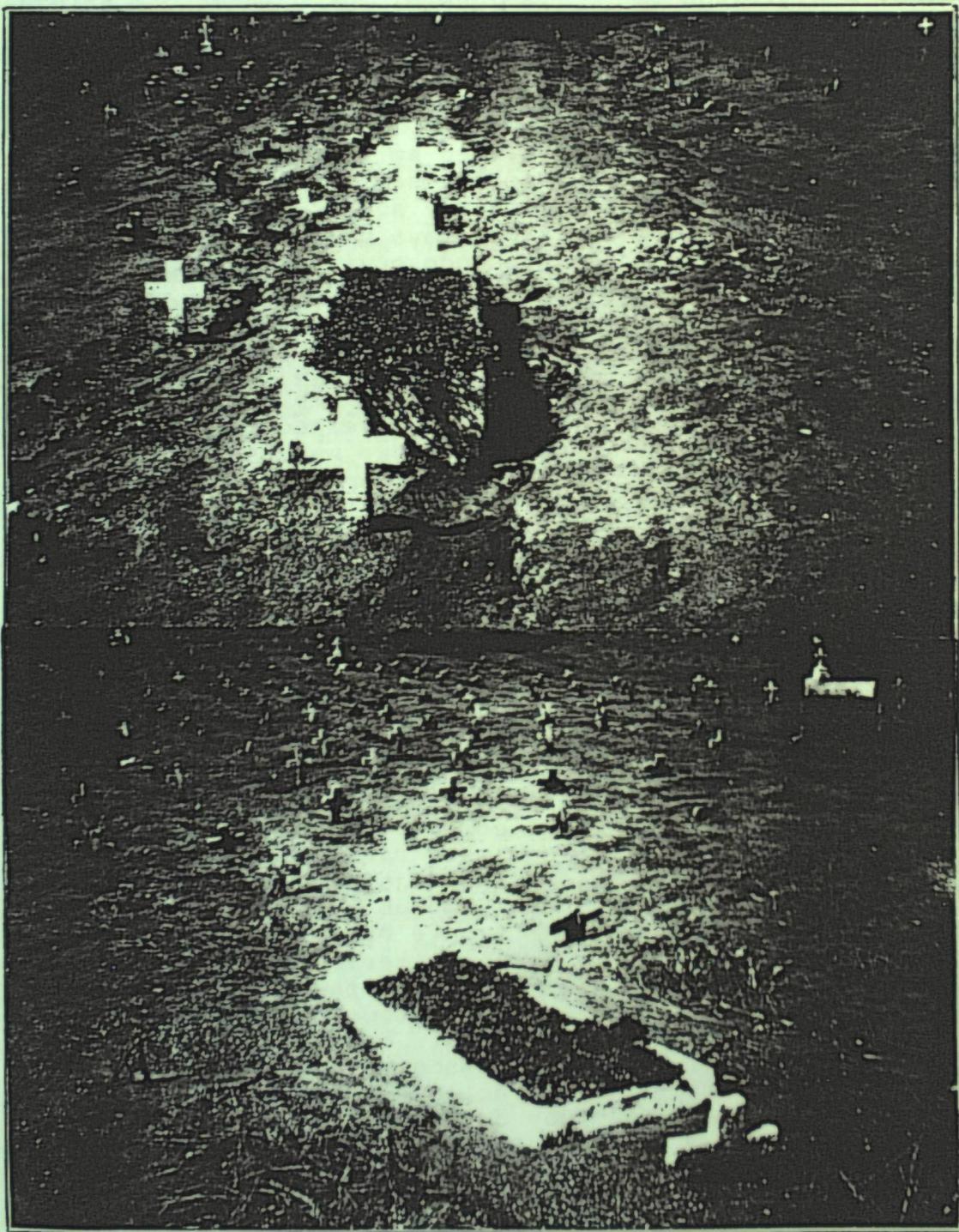
- Iluminando o teu lugar no purgatório.

Então, ele me respondeu com voz de quem traga fumaça do cigarro na boca:

- Meu? Eu, heim? Tô fora!

Era eu e o falecido Castrinho, barbu-do, quando iam tirar um quarto de hora no posto de observação no canto do cemitério onde havia uma guarita. Por ordem do Amichi, chefe da disciplina do Instituto Penal Cândido Mendes.

**Abaixo se observa um Registro Fotográfico de 1978  
Do Cemitério da Colônia Penal de Dois Rios**



Foi destivado no meado da década de 80, com isso a área desapareceu sob o mato.

Hoje, andando por esses velhos, fechados ou encobertos caminhos, cujo, me leva à antiga necropole e, do chão ainda ressoa sons de sepultamento e casos antigos - e mais forte fica o claro timbre da voz do encucado comando vermelho que cada dia mandava o seu esfolado para ali.

Do lado de cá, bem longe escuto no escuro do caminho, do limite do dia, rolando na surdina o som manso da cachoeira, parece que entoando a alegria dos mortos bem por debaixo dos matos que ali cresceram.